

# **MANUAL DO REPLET**

ACOMPANHADO DE ELEMENTOS DE  
LEXICOLOGIA E DE TERMINOLOGIA

RENÉ G. STREHLER  
SABINE GOROVITZ

# MANUAL DO REPLET

ACOMPANHADO DE ELEMENTOS DE  
LEXICOLOGIA E DE TERMINOLOGIA



© by René G. Strehler & Sabine Gorovitz 2010

FICHA TÉCNICA

Revisão  
*João Carlos Taveira*

Diagramador  
*Gustavo Araújo*

Arte da capa  
*Thiago Sarandy*

*De René  
para Ray, pelo  
apoio carinhoso*

*A Lauro,  
meu companheiro de  
todas as horas,  
Sabine*

---

M294 Manual do RepLET: acompanhado de elementos de lexicologia e de terminologia / René G. Strehler e Sabine Gorovitz. – Brasília : Centro Editorial, 2011. 98 p.  
1. Lexicologia 2. Terminologia 3. RepLet I. Strehler, René G. II. Gorovitz, Sabine III. Título

CDU 801.3  
CDD 413

---

ISBN: 978-85-64494-12-1

# Sumário

1	Apresentação .....	11
2	Introdução geral.....	15
2.1	Agradecimentos.....	16
3	Elementos de teoria linguística .....	19
3.1	Língua – fala .....	19
3.2	Lexicologia – terminologia.....	20
3.2.1	A variação no léxico .....	21
3.2.2	A delimitação do signo linguístico .....	23
3.3	Relações semânticas.....	25
3.3.1	Observações terminológicas .....	26
3.3.2	Polissemia, monossemia e homonímia.....	27
3.3.3	Sinonímia .....	29
3.3.4	Antonímia .....	30
3.3.5	Hiperonímia, hiponímia e co-hiponímia.....	31
3.3.6	Outras relações .....	32
3.4	Lexicografia – terminografia.....	33
3.4.1	Tipologia de dicionários .....	33
3.4.2	Macroestrutura – microestrutura .....	35
3.4.3	Alguns tipos de repertórios.....	37
3.4.3.1	Glossário.....	37
3.4.3.2	Léxico .....	40
3.4.3.3	Vocabulário .....	42
3.4.4	Repertórios bi- ou plurilíngues no RepLET .....	43
4	Manual do RepLET.....	45
4.1	Instalar o RepLET.....	46

4.2	Menu 'Criar um Projeto'	47
4.2.1	Primeira etapa	47
4.2.2	Segunda etapa	47
4.2.2.1	Entrada	48
4.2.2.2	Conceito	48
4.2.2.3	Categoria gramatical	49
4.2.2.4	Área / Domínio	49
4.2.2.5	Estatuto do termo	50
4.2.2.6	Marcas de uso	50
4.2.2.7	Quatro campos de texto (Definição, Contexto, Nota técnica, Observação)	51
4.2.2.8	Hiperônimo de	51
4.2.2.9	Hipônimo de	51
4.2.2.10	Remissivas	52
4.2.2.11	Fonte	52
4.2.3	Terceira etapa	53
4.3	Menu 'Abrir um Projeto'	54
4.3.1	Apresentação geral	55
4.3.2	Alimentar a base	57
4.3.2.1	Entrada e conceito	58
4.3.2.2	Informar categoria gramatical, estatuto, domínio e nível de uso do termo	59
4.3.2.3	Informar relações hierárquicas e outras	60
4.3.2.4	Informar a Definição, o Contexto, uma Nota técnica ou Observações	61
4.3.2.5	Validar a nova ficha – Limpar a ficha	63
4.3.2.6	Ficha resumida do termo em andamento	64
4.3.3	Modificar fichas	65
4.3.4	Excluir uma ficha	66
4.3.5	Consultar as fichas	67
4.3.6	Manutenção	67
4.3.6.1	Alterar a Senha	68
4.3.6.2	Listar	68
4.3.6.3	Excluir um conceito	70
4.3.7	Importar	70
4.3.7.1	Abrir um corpus de importação	72
4.3.7.2	A guia Importar	73
4.3.7.3	Buscar ocorrências e selecionar um texto	74
4.3.7.3.1	Parâmetros de importação	75
4.3.7.4	Procedimentos de importação	76

4.4	Menu 'Editar um Projeto'	78
4.4.1	Campos disponíveis	78
4.4.2	Escolher o modelo de verbete	79
4.4.3	Parâmetros de formatação	80
4.4.4	Lançar a edição	80
5	Proposta de metodologia	83
5.1	Definição e delimitação do trabalho	83
5.2	Preparação do trabalho	85
5.3	Elaboração da terminologia	88
5.4	Editar versões do repertório	89
6	Considerações finais	91
7	Indicações bibliográficas	93

#### ALGUMAS CONVENÇÕES GRÁFICAS:

//Conceito//	Um comentário entre duas barras de divisão de cada lado representa uma conceitualização não forçosamente observável a nível linguístico.
/Significado/	Um comentário entre um par de barras de divisão representa o significado linguístico.
[Botão]	Os colchetes servem para representar os botões da interface do RepLET; o texto entre eles corresponde àquele inscrito no botão em questão. Os colchetes servem igualmente para indicar que uma citação foi truncada: [...].

# 1

## Apresentação

O curso de tradução, em seus trinta anos de existência, formou uma quantidade significativa de tradutores, em suas diversas áreas de atividade. De fato, em sua trajetória, o aluno de tradução apreende tanto a prática de tradução de textos literários, quanto jurídicos, técnicos e científicos. Essa abordagem multifacetada implica uma variedade de conhecimentos não apenas práticos mas teóricos e metodológicos. Dentre as competências e conhecimentos exigidos no curso, as abordagens terminológicas e lexicológicas se mostraram indispensáveis. O aluno, em seu projeto final, deve produzir a tradução de 50 laudas, acompanhada de uma reflexão teórica, de um relatório (que elenca as dificuldades encontradas, os desafios superados e as decisões que pautaram a tarefa tradutória) e, na maioria das vezes (quando se trata da tradução de um texto cuja natureza implica uma pesquisa terminológica), de um glossário ou de um vocabulário. Além disso, nas diferentes disciplinas práticas e teóricas, os alunos são levados a desenvolver pesquisas terminológicas que podem constituir o cerne da matéria. É o caso das disciplinas de prática da tradução de textos técnicos/científicos e prática da tradução de textos jurídicos. Além

disso, os principais conceitos da área são amplamente abordados nas disciplinas teóricas que compõem o currículo de tradução.

Para auxiliar o aluno nessa tarefa, foi preciso instrumentalizá-lo tanto com conceitos pertencentes à lingüística de corpus, à terminologia e à lexicologia quanto com ferramentas técnicas e informáticas. Durante muitos anos, utilizou-se das ferramentas disponíveis no mercado, embora não estivessem em adequação com as especificidades do trabalho exigido.

Consciente das necessidades específicas dos alunos para estruturar e desenvolver seu trabalho terminológico, tanto em termos metodológicos, conceituais quanto práticos, o Professor René Strehler criou um aplicativo de fácil manuseio e orientado para o trabalho específico dos alunos de tradução e de lingüística do ensino superior. Além disso, elaborou o presente manual, uma obra condensada porém extremamente coerente e clara, no intuito de facilitar o trabalho dos alunos.

O autor põe à disposição do aluno as informações indispensáveis para a elaboração de um trabalho terminológico, seja qual for a área de especialidade. A obra possibilita o acesso a elementos-chave do trabalho terminológico e orienta o aluno nas diferentes etapas que levam à realização de um repertório. Optando por uma apresentação simples e concisa, René Strehler, graças a sua ampla experiência no ensino universitário de terminologia e na gestão dos dados terminológicos, selecionou judiciosamente os elementos de informação e os conceitos que devem ser apreendidos pelos alunos e ilustrou com clareza os desafios mais freqüentes enfrentados no desempenho da atividade terminológica.

Uma bibliografia básica sobre a prática e a teoria da terminologia orienta o aluno que deseja aprofundar alguns conceitos e ampliar seu conhecimento na área.

Esperamos portanto que essa ferramenta seja útil e eficiente na elaboração dos projetos terminológicos e que contribua com o conhecimento tanto empírico quanto teórico dos futuros tradutores. Desejamos além disso promover o diálogo e a cooperação entre as diferentes áreas do saber e, a longo prazo, complementar outras bases terminológicas.

Brasília, novembro de 2010

Alice Maria de Araújo Ferreira

*Professora do Departamento de  
Línguas Estrangeiras e Tradução  
UnB/IL/LET*

# 2

## Introdução geral

**N**o ambiente universitário brasileiro, os estudantes, especialmente de letras e de tradução, devem frequentemente elaborar repertórios que podem ser chamados *léxicos*, *glossários* ou ainda *vocabulários*. Para executar essa tarefa, recorrem na maioria das vezes à improvisação, a exemplo dos ‘glossários’ que, para os especialistas, remetem ao *léxico*. De fato, nos cursos de letras, a lexicologia, a terminologia e as ‘grafias’ correspondentes não costumam ocupar um lugar de destaque nos fluxos dos vários cursos. Assim, o estudante que deseja repertoriar, para seu trabalho de fim de curso, as palavras de uma determinada área (o candomblé ou a micro cirurgia, por exemplo), não sabe sequer se ele atuará na lexicografia ou na terminografia (para empregar um neologismo cada vez mais frequente), e se seu produto final corresponde a um vocabulário ou a um glossário...

No âmbito da informática, o aluno, embora tenha acesso a programas diversos, desconhece seu modo de utilização e carece das explicações necessárias para fazer as escolhas certas. Assim, embora aplicativos, tais como Access ou Excel, possibilitem a realização de projetos, sem uma formação geral sobre seu *modus operandis*, o estudante pode

não chegar a seus fins. O RepLET é um programa especialmente criado para elaborar e editar repertórios no ambiente Windows (XP ou 7, com exceção de *Vista*), facilitando assim a tarefa do lexicógrafo, ou do terminógrafo, de acordo com o projeto que pretende realizar. Embora o RepLET seja de fácil acesso para quem trabalha com aplicativos do Office, é indispensável dominar os conceitos teóricos que fundamentam sua utilização. O usuário pode assim fazer as escolhas adequadas ao projeto a ser realizado.

Inicialmente, o manual elenca os aspectos linguísticos pertinentes para a utilização do RepLET. Em seguida, apresenta o funcionamento do aplicativo e, enfim, alguns elementos norteadores do trabalho metodológico.

O leitor poderá aplicar os conceitos e métodos aqui expostos à versão Beta do RepLET, anexa ao presente livro. Lembramos ainda que o uso acadêmico não comercial do RepLET é livre.

\*

Se na continuação o leitor sente a falta do trema em palavras como ‘frequente’ ou ‘linguística’, ele está na mesma situação que o autor. Mas optamos por respeitar a nova ortografia.

## 2.1 Agradecimentos

A elaboração do presente Manual, assim como do aplicativo que o acompanha, é o resultado de discussões com estudantes e colegas do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. As sugestões

que nos foram apresentadas assim como questões sobre a junção de informática, lexicografia e terminologia ajudaram muito para determinar quais devem ser as possibilidades do RepLET e quais pontos teóricos devem ser expostos. Por essas razões agradecemos os professores e estudantes que nos motivaram no andamento desse trabalho.

Agradecemos ainda o LET, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, que, graças a seu apoio financeiro, tornou possível a realização da presente obra.

# 3

## Elementos de teoria linguística

**N**ão se trata aqui de apresentar os conceitos de uma determinada corrente linguística. O propósito é apenas expor os pontos fundamentais em teoria lexical e alguns aspectos de lexicografia que possibilitarão o trabalho do léxico no ambiente do RepLET.

### 3.1 Língua – fala

Tradicionalmente faz-se a distinção entre *língua* e *fala*. Nessa dicotomia saussuriana, a **língua** corresponde ao sistema abstrato (como, por exemplo, a língua portuguesa, a língua francesa ou a língua espanhola). A cada língua corresponde uma comunidade linguística: os falantes lusófonos são os detentores da língua portuguesa, assim como os falantes francófonos detêm a língua francesa. A língua em uso por indivíduos, tanto oral quanto escrita, constitui a **fala**, ou o **discurso**, termo atualmente mais frequente. Em outras palavras, a língua é abstrata e a fala é concreta e social. É na fala, ou seja, no discurso, que é possível observar a língua. De maneira esquemática, afirma-se que uma língua é composta de regras gramaticais (morfossintaxe), de sons (fonética/fonologia) e de palavras (lexicologia), sendo esta a nossa área de interesse.

### 3.2 Lexicologia – terminologia

Comumente, a **lexicologia** se define como a disciplina que estuda o léxico e os vocabulários. A distinção estabelecida entre léxico e vocabulários se fundamenta na dicotomia saussuriana ‘língua – fala’. Assim o **léxico** é concebido como o conjunto de palavras de uma determinada língua (o léxico do francês ou o léxico do português, por exemplo). Os **vocabulários** situam-se em outro nível de abstração, podendo ser observados na fala que constitui o ponto de partida do levantamento do vocabulário (o de Machado de Assis ou o de Jacques Chessex, por exemplo). Em ambos os casos, repertoriam-se as palavras usadas no discurso dos autores citados.

Existem diversas outras designações de ‘palavra’: ‘verbeta’, ‘lexema’, ‘termo’ (se pensarmos em ‘terminologia’), ou ainda ‘unidade lexical’, sendo esta a mais apropriada, na medida em que permite estabelecer a diferença entre ‘unidade lexical’ na lexicologia e ‘unidade terminológica’ na terminologia, além de possibilitar o uso de subcategorias: substantivo, verbo, etc.

‘**Terminologia**’ possui duas definições. A primeira refere-se ao conjunto de unidades terminológicas de uma determinada área, como a terminologia jurídica ou a terminologia medical. Portanto, trata-se do resultado de um trabalho terminológico. A acepção mais pertinente no presente contexto considera a ‘terminologia’ como uma disciplina tendo seu objeto de estudo, seus fundamentos teóricos e suas metodologias.

Vale ressaltar que lexicologia e terminologia são fortemente vinculadas, já que as duas disciplinas trabalham com signos linguísticos, ou seja, palavras, analisáveis no

âmbito formal (os significantes) e no âmbito semântico (os significados). A distinção entre terminologia e lexicologia se estabelece sobretudo de acordo com as escolhas pragmáticas de cada análise. Se a lexicografia abrange o léxico de uma língua como um todo, a terminologia se restringe a uma área, a eletrônica ou a medicina nuclear, por exemplo. Desse modo, distingue-se também ‘língua geral’ e ‘língua de especialidade’, essa última correspondendo ao uso da língua observável em um ambiente de especialistas (um engenheiro falando com outro engenheiro sobre um assunto de sua especialidade). Em outras palavras, as línguas de especialidades se situam dentro da língua geral, embora as línguas de especialidade forneçam unidades lexicais para o uso geral, e a língua geral empreste unidades para formar termos nas diferentes áreas. Os limites entre as várias línguas de especialidade não são estanques, termos da biologia podendo ser pertinentes para a terminologia medical, por exemplo.

#### 3.2.1 A variação no léxico

Como em todo o sistema linguístico, o léxico pode sofrer variações de uso. Essas variações são condicionadas por diversos fatores. Os dicionários gerais atribuem marcas de uso (como *FISC.NUC.*, *VULG.* ou *REGIONALISMO*, por exemplo) a unidades lexicais que não correspondem à norma de descrição adotada. Quando nenhuma marca é atribuída a uma unidade lexical (ou termo), ela pertence, segundo o dicionário, a um nível linguístico não marcado.

Uma das variações observáveis é a **variação geográfica** ou a **variação diatópica**. A ferramenta usada para perfurar a madeira ou a parede, por exemplo, é usualmen-

te apelidada de *furadeira* no Brasil; para os portugueses a mesma ferramenta é conhecida como *berbequim*. Camelo, no sentido de ‘bicicleta’, é empregado apenas em algumas regiões do Brasil e implica um certo grau de informalidade. O RePLET possibilita inclusive a criação de uma dupla-base, uma em português do Brasil e outra em português de Portugal (cf. infra).

Os dois pólos da variação temporal, ou **variação diacrônica**, são o neologismo e o arcaísmo, não devendo ser confundidos com unidades lexicais que designam realidades históricas distintas. *Satrapia*, por exemplo, designa uma divisão administrativa da antiga Pérsia, ainda que não se trate de um arcaísmo. Já o termo *rótula*, da anatomia geral, embora ainda não possa ser taxado de antiquado, é considerado como ultrapassado, pois foi substituído por *patela*.

A variação relativa ao chamado registro é conhecida como **variação diastrática**. Nessa categoria de variação, os fatores de ordem social exercem um peso preponderante. À unidade lexical *puta*, por exemplo, é atribuída por alguns dicionários à marca ‘chulo’ e por outros ‘tabuísmo’ (em um contexto de comunicação formal a unidade lexical não marcada *prostituta* seria portanto mais apropriada). A variação se manifesta tanto na língua comum quanto nas línguas de especialidade. No uso oral, para *anel de descarga* encontra-se a concorrência *biscoito*.

De acordo com a área ou o domínio tratado, explicar a variação obriga recorrer a outros parâmetros. Em áreas altamente padronizadas existe um conjunto de termos normatizados que não necessitam nenhuma marca de uso, pois não entram em concorrência com outras unidades. Mas quando um termo é rotulado como ‘sinônimo’, admite-se que esse

termo coexiste com outro termo igualmente normatizado. Já o rótulo ‘variante’ se reserva a termos não normalizados; num contexto de comunicação formal deve-se dar preferência a um termo normalizado.

### 3.2.2 A delimitação do signo linguístico

Na lexicologia, como na terminologia, uma das questões levantadas com frequência é saber se um sintagma corresponde a uma formação livre observada no discurso ou a uma unidade lexical/terminológica mais ou menos cristalizada. Numa abordagem linguística, cinco testes úteis (tanto em lexicologia como em lexicografia) podem ser aplicados no intuito de se verificar o grau de cristalização do sintagma.

- **Inserção:** a frase *a dona de casa inteligente organiza o trabalho* parece correta; já *a dona inteligente de casa organiza o trabalho* parece duvidosa. Portanto, o sintagma *dona de casa* pode corresponder a uma unidade lexical, pois não podemos inserir nela o qualificativo ‘inteligente’.
- **Expansão:** Em *as Câmaras Legislativa e frigorífica devem ser renovadas* a expansão ‘e frigorífica’ é pouco aceitável; *a Câmara Legislativa e a câmara frigorífica devem...* adéqua-se melhor ao uso em português. *Câmara Legislativa* e *câmara frigorífica* são duas unidades lexicais que não podem se fundir em uma construção única.
- **Substituição:** Ao invés de *a situação econômica faz medo ao ministro* é possível dizer *a situação econômica amedronta o ministro*. Como a substituição de

'fazer medo' por 'amedrontar' é pertinente, pode-se supor que 'fazer medo' constitui uma unidade lexical.

- **Paradigma:** Um sintagma que comporta um paradigma de substituição provavelmente não constitui uma unidade lexical. Em *um livro de química* é possível substituir 'de química': *um livro de filosofia, um livro de Zola*, por exemplo. Ao contrário, o sintagma que possui um certo grau de cristalização é considerado uma unidade lexical: assim, para *testa-de-ferro* não se pode dizer *cabeça-de-ferro* ou *testa-de-aço* para designar um presta-nome.
- **Anáfora:** quando um sintagma atinge um certo grau de cristalização ele não aceita a anáfora. Em *o dono do carro perdeu o controle do veículo, mas o dono não estava sob efeito de drogas* o segundo 'dono' representa 'dono do carro', portanto 'dono do carro' não atingiu um grau de cristalização suficiente para formar uma unidade lexical. Já em *a dona de casa estava irritada, pois a dona foi mal atendida* a substituição de 'dona de casa' por 'dona' não parece aceitável ('dona', nesse caso, seria percebida como uma variante de 'senhora'). Da mesma maneira, é possível dizer *a dona de casa... ela tem 31 anos* (quem? => a 'dona de casa'), mas não *a dona de casa... ela tem dois andares* (quem tem dois andares? => a casa, sem 'dona').

De acordo com o grau de cristalização de um sintagma, apenas três ou quatro desses testes permitem inferir a

existência de uma unidade lexical ou terminológica. Em casos em que a existência de uma unidade lexical é remota, apenas um teste pode comprovar a hipótese do lexicólogo. Além disso, um resultado pode ter validade apenas num quadro de descrição, mas não em outro. Assim o lexicólogo pode determinar que *ácido lático* é um substantivo qualificado por 'lático', ao passo que o terminólogo pode interpretar o mesmo sintagma como uma unidade terminológica, pois essa unidade se insere num campo constituído por outros tipos de ácidos. Numa abordagem terminológica, os cinco testes supracitados não bastam. Somente o especialista será capaz de determinar se um sintagma corresponde ou não a uma unidade terminológica.

Vale ressaltar ainda que acrônimos, siglas e abreviações podem, com o tempo, se tornar unidades lexicais simples, como 'laser' (de *light amplification by stimulated emission of radiation*) ou 'radar' (de *radio detecting and ranging*). A utilidade desse procedimento explicita-se com a unidade lexical SIDA, usada em Portugal para AIDS, sua forma extensa *síndrome de deficiência imunológica adquirida* não oferecendo a mesma praticidade de uso. Quando não existem abreviações usuais, esses sintagmas, que se assimilam a unidades terminológicas, são usualmente chamados *sintagmas terminológicos*.

### 3.3 Relações semânticas

Certas tarefas do programa RePLET implicam conhecimentos a propósito de relações semânticas e lógicas entre signos linguísticos. Seguem algumas observações sobre a terminologia aqui empregada e os elementos essenciais dessas relações.

### 3.3.1 Observações terminológicas

Antes de abordar as relações semânticas propriamente ditas, cabe esclarecer alguns aspectos terminológicos. Uma vez isolada uma unidade terminológica ou uma unidade lexical, estamos diante de um signo linguístico saussuriano. Este signo se divide, do ponto de vista formal, em **significante** (a imagem acústica na oralidade e as letras na escrita) e, do ponto de vista semântico, em **significado** (a imagem mental de Saussure). Na semântica faz-se a distinção entre **significado**, que é o sentido do signo situado no sistema da língua, e **sentido**, que corresponde ao significado atualizado no discurso. Portanto, seguindo um certo rigor terminológico, a significação se situa na língua e o sentido na fala. O significado de uma unidade lexical pode ser analisado em **traços semânticos**, ou em **sememas**. Na unidade lexical *dojo* podem ser levantados os traços semânticos /lugar/, /para ensinar/, /para praticar/, /artes marciais/. Cabe ressaltar que em *dojo* analisamos um signo linguístico e seu significado. Na terminologia, falar de **conceito** não significa pensar em signo linguístico ou significado, mas em unidade estruturada do pensamento; portanto, o conceito não deve ser confundido com o significado, pois ele não é de natureza linguística. O conceito se analisa em **características**. A distinção entre conceito e significado é de suma importância na terminologia e no programa RepLET. Vejamos no parágrafo seguinte o porquê.

Um dicionário de língua inglesa define *girlhood* como *the time in a woman's life when she is a girl* (≈ a adolescência da mulher); ao lado dessa unidade lexical, o dicionário apresenta também *boyhood* (≈ a adolescência do homem)

e *childhood* (≈ a adolescência). A definição dicionarística corresponde, evidentemente, ao significado, pois se trata da imagem mental de um signo linguístico. Quanto às unidades *boyhood* e *girlhood*, observamos que o português não possui signos linguísticos com um significado correspondente; entretanto, no pensamento, podemos chegar ao **conceito**, isto é, podemos conceitualizar algo que não está consagrado por um signo linguístico. Assim, as duas palavras *boyhood* e *girlhood* se conceitualizam em português com as **características** //época antes de ser adulto//, //da pessoa do sexo masculino// (apenas para *boyhood*) e //da pessoa do sexo feminino// (apenas para *girlhood*). A partir deste ponto, o terminólogo pode chegar a novos termos ou neologismos. Se essa operação for efetuada adequadamente, haverá uma correspondência total entre o conceito, unidade do pensamento, e o significado do novo signo linguístico. Para *boyhood* e *girlhood*, essa operação não se justifica, pois *adolescência* engloba os dois conceitos. Caso seja necessário, em um determinado contexto de atualização, estabelecer a distinção 'masculino/feminino', basta recorrer a uma qualificação adicional: *adolescência do menino* ou *adolescência da menina*.

### 3.3.2 Polissemia, monossemia e homonímia

Partindo do signo linguístico, o de *terminologia*, por exemplo, podemos chegar a dois significados: 1. /estudo de unidades terminológicas/ e 2. /o conjunto de unidades terminológicas de um determinado domínio/. Assim, a unidade *terminologia* é um exemplo de **polissemia**; ou seja, ela é **polissêmica**. Observando as unidades lexicais das línguas, nota-se que a polissemia é o caso normal; a maioria

das unidades lexicais é polissêmica. Já para *entremesa* os dicionários mencionam um único significado, que é /tempo que se fica à mesa; o tempo de uma refeição/; portanto essa unidade lexical ilustra um caso de **monossemia**. *Entremesa* é **monossêmico**.

*Manga* em português e *avocat* em francês são dois exemplos de **homonímia**. Ou seja, duas unidades lexicais, ou mais, que se escrevem e se pronunciam da mesma maneira (ao menos no caso dos exemplos supracitados), sem que haja polissemia. Como *Manga* /fruto do mangueira/ e *manga* /parte da vestimenta/ não têm a mesma origem, o primeiro vem do tâmil e o segundo do latim, pode-se afirmar que são dois **homônimos**. De maneira similar, o francês *avocat* /advogado/ vem do latim, não mantendo nenhuma relação com *avocat* /fruto do abacateiro/ que vem do caribe através do espanhol. Trata-se novamente de homônimos. Nos casos de *manga* e de *avocat*, a homonímia é indiscutível, pois não existe parentesco entre os homônimos. Mas a homonímia pode igualmente corresponder a uma escolha metodológica. Essa escolha é muito frequente em terminologia. Nesse sentido podemos afirmar que existe uma unidade terminológica *vocabulário* que designa /o conjunto de unidades lexicais de que dispõe um indivíduo/ e, no mínimo, outra unidade terminológica *vocabulário* para /repertório de uma determinada área ou de um determinada atividade/. Neste caso a homonímia corresponde a uma escolha deliberada que desconsidera o eventual parentesco linguístico entre os signos. Essa escolha não se observa apenas na terminologia mas também na lexicografia geral. Assim, certos dicionários tratam *cultura* como um único signo linguístico polissêmico englobando todos os significados relativos a /cultivar a terra/ e todos os sig-

nificados relativos a /desenvolvimento de certas faculdades do espírito/; a história das línguas neolatinas justifica essa escolha. Outros dicionários podem dar menos peso à diacronia e postular, com toda razão, que o falante contemporâneo não percebe mais nenhum vínculo entre os significados relativos a /cultivar a terra/ e relativos a /desenvolvimento de certas faculdades do espírito/. Obtêm-se dessa maneira duas unidades lexicais homônimas de *cultura*, ambas polissêmicas.

→ O RepLET leva ao uso sistemático da homonímia.

### 3.3.3 Sinonímia

A sinonímia remete a uma relação de equivalência. Entendemos aqui **sinonímia** como a relação linguística entre unidades lexicais que têm o mesmo significado. Duas unidades lexicais tendo o mesmo significado são **sinônimos**. Assim, em francês, *soixante-dix* e *septante* são sinônimos, pois ambos significam /70/. São também sinônimos, em português, *puta* e *prostituta*. A sinonímia completa não se observa com frequência na língua. De fato, no exemplo *soixante-dix/septante* a diferença é diatópica, o segundo termo conotando claramente ao /francês da Bélgica ou da Suíça/. Da mesma maneira, no par *puta/prostituta*, considerações pragmáticas permitem diferenciar as duas unidades, sendo a primeira vulgar ou pejorativa e a segunda mais formal.

No trabalho terminológico pode ser interessante atribuir um estatuto a uma unidade terminológica definindo

uma relação de sinonímia. O RepLET prevê três casos. **'Normativo'** é o termo consagrado no ensino oficial de uma determinada disciplina, ou por comissões terminológicas que o consideram como o termo adequado. Se uma unidade terminológica entra em concorrência com outra sem que haja uma 'preferência oficial' claramente estabelecida, ou se, na praxe, observa-se que essa unidade se emprega com a mesma frequência, podemos classificá-la como um **'sinônimo'**. Se o termo sinônimo não possui estatuto oficial ou preferencial, é considerado como uma simples **'variante'**. Portanto, para determinar se uma unidade terminológica é normativa, sinônima ou variante é preciso conhecer a área a qual a unidade pertence. Na anatomia geral *patela* (consagrada por comissões de especialistas) é normativa, e *rótula* é variante, já que *patela* ainda não substituiu completamente *rótula*.

### 3.3.4 Antonímia

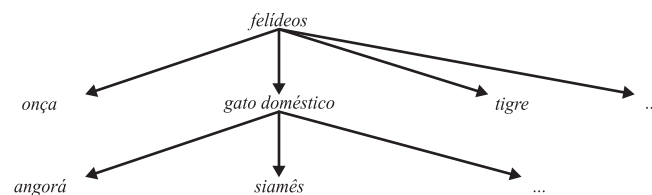
A antonímia corresponde a uma relação de oposição. Seguindo um certo rigor, só pode haver relação de antonímia entre unidades lexicais da mesma classe gramatical. Além disso, as unidades relacionadas em termos de antonímia devem ter ao menos um traço semântico em comum. *Irmão* pode ser antônimo de *irmã* somente porque as duas unidades lexicais comportam o traço /nascidos dos mesmos pais/. A lexicologia faz a distinção entre três tipos de antonímia. Os **contraditórios**: quem é *vivo* não é *morto*. Os **contrários** como *rico* e *pobre*, que, distintamente dos contraditórios, podem sofrer graduações: ela é bastante *rica*, ele é muito *pobre*. Os **recíprocos** que são pares de unidades lexicais como *mestre/escravo* ou *antes/depois*.

No discurso, esses antônimos acarretam uma inversão dos argumentos: João chegou *antes* de Maria – Maria chegou *depois* de João.

No RepLET, os antônimos podem ser informados no campo 'Remissivas'.

### 3.3.5 Hiperonímia, hiponímia e co-hiponímia

Nosso conhecimento da realidade extralinguística nos permite estabelecer relações hierárquicas entre unidades lexicais ou unidades terminológicas. Uma representação em árvore ilustra essas relações:



O quadro mostra que o *angorá* é um *gato doméstico*, que o *siamês* é um *gato doméstico*, e que o *gato doméstico* é um *felídeo*, assim como a *onça* e o *tigre*. Observando a relação entre *gato doméstico* e *angorá* e *siamês*, é possível afirmar que *gato doméstico* é o **hiperônimo** (ou **termo genérico**) de *angorá*, *siamês* e outros. Estes, por sua vez, são alguns **hipônimos** (ou **termos específicos**) de *gato doméstico*. As unidades terminológicas que se situam em um mesmo nível hierárquico (*onça*, *gato doméstico* e *tigre* no nosso quadro, por exemplo) são **co-hipônimos**.

De um ponto de vista prático, é possível afirmar que uma unidade terminológica ou lexical pode se relacionar com *apenas um hiperônimo*, mas com *vários hipônimos*: *gato doméstico* tem como único hiperônimo *felídeo*, mas vários hipônimos, como *angorá*, *siamês*, etc.

O usuário do RepLET pode informar, para uma determinada unidade, um hiperônimo e vários hipônimos. Uma versão posterior do programa permitirá verificar a coerência dessas informações. Já os co-hipônimos podem ser tratados como remissivas.

### 3.3.6 Outras relações

Outras relações podem ser pertinentes em trabalhos terminológicos, como a relação processo-produto ou a relação parte-todo. Assim, a relação parte-todo permite analisar merônimos e holônimos. A unidade lexical que designa uma parte de um todo é um **merônimo**; *telhado* é um merônimo de *casa*; *página* de *livro*. Ao contrário, o **holônimo** é a unidade lexical que designa o todo a que pertence outra(s) unidade(s). *Motor* é o holônimo de *pistão*, *válvula de admissão* e *cárter*, entre outros.

O RepLET é uma ferramenta concebida essencialmente para inventariar unidades lexicais ou terminológicas e não as suas relações. Ainda assim, o usuário sempre tem a escolha de informar termos como remissivas.

\*

À luz dessas explicações sucintas sobre lexicologia e terminologia, cabe ainda apresentar algumas indicações sobre lexicografia e terminografia.

## 3.4 Lexicografia – terminografia

Como qualquer técnica ou ciência, lexicografia e terminografia podem ser abordadas a partir de duas vertentes, uma teórica e uma prática. No intuito de facilitar o uso do RepLET nas várias possibilidades de elaboração de repertórios, apresentamos aqui alguns conceitos sobre dicionário e outros repertórios, contemplando aspectos teóricos e práticos. Faremos inicialmente algumas observações sobre a tipologia de dicionários.

### 3.4.1 Tipologia de dicionários

Normalmente, um dicionário se elabora em função de um programa específico. Esse programa influencia a natureza do produto elaborado pelos lexicógrafos.

Assim, um dicionário pode ser **descritivo** ou **prescritivo**. Entram nessa última categoria, por exemplo, os dicionários comprometidos com a norma oficial ou escolar. Já o objetivo do dicionário descritivo é representar os signos linguísticos numa perspectiva descritiva; a norma aparece então como um elemento de descrição (marcas de uso, por exemplo) e não como um fim em si. Entendemos por ‘marca de uso’ as abreviações apostas à entrada, como *joc.* (jocosos), *vulg.* (vulgar) ou *Bras.* (Brasileirismo), por exemplo.

Outra distinção teórica refere-se ao objeto descrito. Um dicionário que trata *as unidades linguísticas* de uma determinada língua é um **dicionário de língua** (a tradição francesa fala de ‘dictionnaire de mots’). Um dicionário que repertoria *a realidade extralinguística* por meio de unidades lexicais é chamado **dicionário enciclopédico**. Não há uma fronteira rígida entre esses dois tipos de dicionários:

informações de natureza enciclopédica são fornecidas por dicionários de língua e informações linguísticas são apresentadas em dicionários enciclopédicos. No mercado brasileiro, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* é um exemplo de dicionário de língua. Já os produtos da editora Larousse seguem geralmente o modelo enciclopédico. De certo modo, o dicionário enciclopédico, síntese entre o dicionário de língua e a **enciclopédia**, apresenta os conhecimentos da humanidade em uma determinada época. Caracteriza-se principalmente pelo pequeno número de verbetes, embora extensos – são obras com dez, quinze ou mais volumes (muitas vezes editados em CD ou em DVD). No Brasil há a *Enciclopédia Barsa* ou a *Enciclopædia Britannica*. Além disso, existem duas famílias de dicionários: dicionários de língua e dicionários especiais, também chamados de dicionários terminológicos, que não descreverem a língua comum ou geral, mas uma língua (ou linguagem) de especialidade. *Vocabulários* ou *léxicos* referem-se normalmente a uma língua de especialidade (cf. o item ‘Alguns tipos de repertórios’).

A respeito das diferentes línguas presentes em um dicionário, faz-se a distinção entre dicionário **monolíngue**, **bilíngue** ou **multilíngue**. Usualmente, o dicionário monolíngue dá as definições das unidades lexicais por ele tratadas. Já o dicionário bilíngue não tem por vocação definir as unidades lexicais, mas dar equivalentes; i. e. dar a palavra que, num determinado contexto, tem o mesmo valor que a palavra consultada, a exemplo do francês ‘monter’ que pode ser traduzido por ‘subir’ ou por ‘aumentar’, de acordo com o dicionário. As duas acepções não são apresentadas por definições detalhadas, mas por diferenciação de contextos.

### 3.4.2 Macroestrutura – microestrutura

Em versão papel como em versão eletrônica, uma obra lexicográfica ou terminográfica pode ser analisada em macroestrutura e em microestrutura. Entendemos por **macroestrutura** a organização geral do dicionário: textos de apresentação, lista das abreviações empregadas, nomenclatura com os seus verbetes correspondentes, entre outros. A **nomenclatura** é a lista das palavras que figuram no repertório; assim, ao invés de dizer que um dicionário contém 50.000 palavras ou 50.000 entradas, pode-se dizer que ele possui uma nomenclatura de 50.000 unidades lexicais. Cada unidade da nomenclatura constitui um verbe que forma uma **microestrutura**; ou seja, cada palavra tratada pelo repertório forma uma microestrutura, definida em função do programa do repertório. Cada **entrada**, ou cada unidade lexical ou terminológica tratada pelo repertório, pode ser acompanhada de um certo número de informações, como a categoria gramatical, a transcrição fonética, as marcas de uso, a definição, e as notas enciclopédicas, entre outras. A presença desses campos pode ou não ser requerida. Assim, um dicionário de língua sempre conterá definições; já o léxico não, pois visa apenas listar equivalentes entre duas ou mais línguas.

Há três maneiras de apresentar as unidades lexicais ou terminológicas. A classificação por **ordem alfabética** é a mais comum, pois embasa-se na nossa escrita. Essa classificação tem um caráter **semasiológico**, ou seja, parte do signifiante do signo para chegar a seu(s) significado(s). A ordem alfabética facilita a consulta de uma determinada unidade, mas não reúne os termos e as palavras de uma determinada área. Assim, num dicionário de língua, ‘abeto’

está distante de 'paineira', embora os dois estejam relativamente próximos numa classificação biológica, pois ambos são árvores.

A **ordem sistemática**, também chamada de ordem temática, remedia à problemática da ordem alfabética. O que guia o agrupamento das unidades lexicais, ou terminológicas, são os conceitos. Por exemplo, são agrupados todos os termos relativos ao motor de explosão ou à construção civil. Essa classificação é inspirada na **onomasiologia**; ou seja, parte-se do significado, ou do conceito, para se chegar ao signo linguístico. Essa ordem facilita a apreensão das unidades de uma determinada área, mas dificulta a consulta do significado de um termo desconhecido. Por essa razão, os repertórios classificados em ordem sistemática são acompanhados de um índice remissivo em ordem alfabética.

A **ordem mista** constitui uma síntese das duas ordens supracitadas. Trata-se da introdução da ordem alfabética nos termos de uma determinada área, o que pode implicar uma prévia divisão em subáreas. Assim a norma ISO 1087:1990, referente ao vocabulário da terminologia, apresenta-se como um repertório bilíngue inglês e francês dividido em subáreas: 2 *Langue et réalité (Language and reality)*, 3 *Notion (Concept)*, 4 *Définition (Definition)*, etc. No interior de cada subárea, os termos são apresentados em ordem alfabética. Como no caso dos repertórios em ordem sistemática, no fim desse tipo de repertório há normalmente um índice remissivo para facilitar a busca de unidades terminológicas que o usuário não sabe enquadrar numa subárea.

→ No RepLET os repertórios podem apenas ser editados em ordem alfabética. No entanto, uma deli-

mitação judiciosa de áreas permite chegar a uma classificação mista. Por exemplo, em vez de criar uma base única de 'motores de combustão interna', podemos criar uma base para o 'sistema de alimentação', outra para o 'sistema de ventilação', ou ainda outra para o 'sistema de ignição', por exemplo. Tal procedimento implica obviamente um estudo prévio da área abordada.

### 3.4.3 Alguns tipos de repertórios

Com base no exposto em *Tipologia de dicionários*, apresentamos aqui os três tipos de repertórios para os quais o RepLET foi elaborado: glossário, léxico e vocabulário. Não recomendamos o uso do programa para elaborar enciclopédias de vinte volumes ou dicionários de língua com uma nomenclatura de mais de 60.000 entradas. Já para a elaboração de léxicos ou de glossários, o RepLET é uma ferramenta adequada. As seguintes explicações indicam as designações usualmente empregadas pelos especialistas em lexicologia, lexicografia e terminologia.

#### 3.4.3.1 Glossário

A história do glossário no ocidente é longa, o que explica que existam ao menos quatro tipos de repertórios chamados glossário.

- O primeiro modelo de glossário foi herdado da Idade Média, quando se agrupava as glosas para formar um glossário. Cabe lembrar que as glosas surgem a partir de unidades lexicais raras ou desconhecidas. Ainda hoje, tal é a característica desse

tipo de repertório que reúne apenas as unidades lexicais ou terminológicas raras ou de difícil compreensão. Os termos são usualmente apresentados em ordem alfabética e acompanhados de uma definição. No final de alguns livros, o autor pode listar num glossário os termos que ele julga de difícil compreensão. É o que se faz também em certas traduções, a exemplo do seguinte trecho de *Les Tambours noirs*<sup>1</sup> (ed. Flammarion, Paris, 1987), tradução francesa do romance *Os Tambores de São Luís* de Josué Montello:

*Agogô* : instrument de percussion, d'origine africaine, composé de deux clarines de fer, qu'on frappe avec une baguette également en fer.

*Angico* : arbre de la famille des mimosacées, du genre *piptdenia*, fournissant du bois de construction.

*Ariri* : variété de palmier.

- Outra maneira de elaborar glossários é dar, para cada unidade lexical da nomenclatura, apenas um ou dois exemplos do seu contexto de uso. Ao contrário da versão precedente, esse tipo de glossário informa também a categoria gramatical de cada entrada. A classificação pode seguir a ordem alfabética ou sistemática. Segue abaixo um exemplo de entrada com dois contextos de uso<sup>2</sup>. Vale ressaltar que a escolha dos contextos é de suma importância para a qualidade do glossário.

### **encapsuler** v.t.

Dans Visual Basic vous pouvez dorénavant créer vos propres sources de données, soit comme contrôles ou classes

utilisateur, pour **encapsuler** des règles d'entreprise ou des structures de données propriétaires.

À l'aide de nouvelles fonctionnalités telles que les propriétés `DataBindingBehavior` et `DataSourceBehavior` du module de classe, vous pouvez **encapsuler** les méthodes, propriétés et événements nécessaires à la création d'une source ou d'un utilisateur de données qui accéderont aux données à partir de n'importe quel type de base de données.

### **procédure d'événement** n.f.

Une **procédure d'événement**, au contraire, reste inactive jusqu'au moment où elle est appelée pour réagir à des événements provoqués par l'utilisateur ou déclenchés par le système.

La meilleure stratégie de programmation consiste alors à placer les instructions communes dans une procédure distincte (une procédure générale), elle-même appelée par les **procédures d'événement**.

- O terceiro modelo de glossário caracteriza-se essencialmente pela presença da definição da unidade lexical ou terminológica tratada. Outrossim, além da categoria gramatical, seus verbetes contêm remissivas e, eventualmente, um contexto de uso do termo. Esse tipo de glossário costuma seguir a ordem sistemática. No exemplo abaixo, depois da entrada, são indicados sucessivamente a informação gramatical (*n.f.*), a definição, um exemplo de uso, e duas remissivas cuja consulta pode interessar o usuário.

<sup>1</sup> Traduzido por Jacques Thiérot, Marie-Pierre Mazeas e Monique Le Moing.

<sup>2</sup> Extraídos da versão francesa do 'Visual Studio 6.0' de 'MSDN Library', Microsoft Corp. 2000.

**CheckBox** *n.f.*

Controle intrínseco de muitas linguagens de programação permitindo ao usuário a escolha de uma ou mais opções entre as que são propostas.

As propriedades CheckBox que têm o mesmo nome das propriedades Button funcionam mais ou menos da mesma maneira.

*ComboBox ; ListBox* O último modelo de glossário é bastante semelhante ao primeiro. A diferença é que ele não se limita a termos raros ou pouco conhecidos e sua apresentação pode ser tanto em ordem alfabética como em ordem sistemática. Um verbete se estrutura geralmente da seguinte forma: *entrada + definição + remissivas*, todos os itens sendo optativos.

**3.4.3.2 Léxico**

A princípio, o léxico constitui uma simples lista de unidades lexicais ou terminológicas de uma determinada área. Cada termo é acompanhado de seu equivalente em outra(s) língua(s) e eventualmente de uma definição. Sua organização é sistemática ou alfabética. Esse tipo de repertório auxilia particularmente o trabalho dos tradutores ou aqueles que querem apreender a terminologia equivalente num outro idioma. Para os Jogos Olímpicos de Pequim, o site [www.lexique-jo.org/beijin](http://www.lexique-jo.org/beijin) publicou léxicos trilingues francês/inglês/mandarim. A organização desses repertórios é mista: assim o léxico referente ao futebol se divide nas subáreas 'provas', 'instalações', 'regulamento/arbitragem' e 'técnica/tática'.

épreuves	events
<b>tournoi féminin</b>	women's tournament
<b>tournoi masculin</b>	men's tournament
installations / matériel	facilities / equipment
<b>angle inférieur du but</b>	bottom corner
<b>angle le plus éloigné</b>	far corner
<b>arc de la surface de réparation</b>	penalty arc
<b>au deuxième poteau</b>	far post
<b>ballon</b>	ball
<b>banc des remplaçants</b>	substitutes' bench
<b>barre</b>	bar
<b>barre transversale ; transversale (n.)</b>	crossbar
<b>bas</b>	socks
<b>chaussures de football</b>	football boots
<b>crampon</b>	stud
<b>crampon</b>	cleat
<b>éclairage artificiel</b>	floodlighting
<b>état du terrain</b>	condition of the ground / pitch
<b>filets de but</b>	goal net
<b>gazon</b>	lawn
<b>gazon</b>	grass
<b>genouillère</b>	kneepad
<b>grillage</b>	fence
<b>grillage de séparation</b>	crowd barrier
<b>ligne</b>	line
<b>maillot</b>	jersey
<b>maillot</b>	shirt
<b>poteau de but ; montant</b>	goal post

Provavelmente por influência do inglês, esses tipos de repertórios também são chamados de ‘glossário’.

### 3.4.3.3 Vocabulário

O vocabulário é um repertório referente a uma determinada área do conhecimento ou a uma atividade específica. Deve apresentar as definições das unidades terminológicas tratadas e, eventualmente, a categoria gramatical à qual pertence. O vocabulário pode ser mono-, bi- ou plurilíngue. A classificação em ordem alfabética é bastante usual, embora os vocabulários possam também seguir a ordem sistemática. O trecho abaixo provem do *Vocabulaire du commerce électronique / Vocabulary of E-commerce*, publicado em 2002 pelo Bureau de la traduction do Governo canadense e foi elaborado por Éric Charette. O autor, que optou pela ordem alfabética, justapõe ao verbete consultado o(s) verbetes(s) equivalente(s) em francês quando a consulta parte do inglês e em inglês quando a consulta parte do francês.

#### **conversion rate**

The percentage of clicks leading to a purchase, a subscription or simply a query, obtained in relation to the total number of clicks for an advertised item.

#### **cost per click; CPC**

The cost of an online ad established in relation to the number of clicks made by a visitor on an advertised item.

#### **taux de transformation** (n.m.)

Pourcentage de clics ayant abouti à un acte d’achat, d’adhésion à une offre ou simplement à une demande de renseignements, par rapport au nombre total de clics sur l’élément publicitaire.

#### **coût par clic** (n.m.) ; **CPC** (n.m.)

Coût d’une publicité en ligne établi en fonction du nombre de clics effectués par un visiteur unique sur un élément publicitaire.

### 3.4.4 Repertórios bi- ou plurilíngues no RePLET

Ao criar uma base bi- ou plurilíngue no RePLET, o usuário deve obrigatoriamente associar um conceito (cf. o item *Observações terminológicas*) ou um identificador de conceito à unidade lexical ou terminológica tratada. Por exemplo, o identificador do conceito do francês ‘taux de transformation’ pode ser *ConversionRate*. Se, na parte ‘inglês’ da sua base, o usuário associar ao termo inglês ‘conversion rate’ o identificador de conceito *ConversionRate*, ele estabelece assim a ligação conceitual entre os dois termos. É essa ligação que faz com que o programa possa proceder a edições de repertórios contendo equivalentes, sem que o usuário os tenha explicitamente introduzido. Caso o usuário não queira fazer uso desse recurso, ele deve criar um projeto específico para cada língua abordada.

# 4

## Manual do RepLET

O RepLET é um aplicativo que possibilita a elaboração de repertórios mono-, bi- ou plurilíngues. Cada repertório corresponde a um projeto. O presente manual indica o funcionamento do aplicativo e fornece as teorias linguísticas que embasam a utilização do aplicativo. De maneira geral, o RepLET se divide em três menus principais, cada um correspondendo a uma etapa específica do trabalho terminográfico. As três partes são:

- *Criar um Projeto:* Antes de iniciar a criação de uma base lexical, o usuário deve criar seu projeto, o que significa definir os parâmetros de seu repertório e dar um nome ao arquivo que vai conter o mesmo.
- *Abrir um Projeto:* Uma vez criado, o projeto pode ser aberto e alimentado com novas unidades lexicais. O usuário pode ainda modificar a base já existente.
- *Editar um Projeto:* A qualquer momento, a base lexical ou terminológica de um projeto pode ser editada. A edição assim obtida permanece desvinculada do projeto existente no RepLET; ou seja, o usuário pode guardar, alterar ou descartar a edição obtida

sem provocar nenhuma alteração no projeto que originou a edição.

Seguem agora as orientações de instalação do RepLET e recomendações para o manuseio dos três menus principais.

## 4.1 Instalar o RepLET

Fechar outros programas abertos.

Inserir o CD na unidade de disco.

Ir para *Iniciar > Executar*.

Clicar em 'Procurar'.

Buscar o CD e clicar em setup; clicar em OK



Clicar em OK



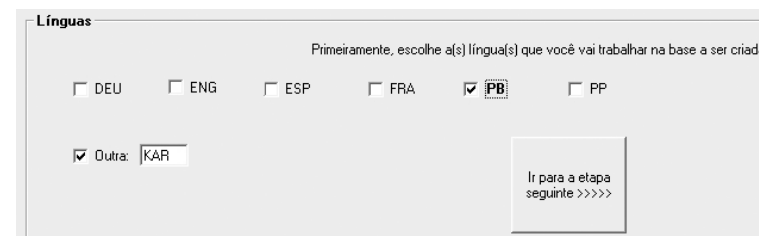
Clicar no botão adequado e seguir as etapas usuais de instalação.

## 4.2 Menu 'Criar um Projeto'

A criação de um projeto se dá em três etapas. Para iniciar o processo, clicar em *Criar um Projeto* e seguir as orientações do programa.

### 4.2.1 Primeira etapa

Na primeira etapa, o usuário deve escolher as línguas que ele deseja tratar em sua base. A escolha se faz clicando com o botão esquerdo do mouse no campo correspondente à língua desejada:



As abreviações significam: DEU = alemão, ESP = espanhol, FRA = francês, ENG = inglês, PB = português do Brasil e PP = português de Portugal. Validando a opção '**Outra**', é possível criar um código de língua específico que deve ser composto de **três letras** e ser digitado em **maiúsculo**. No exemplo acima 'KAR' corresponderia a 'karaja'. O usuário pode optar por trabalhar com uma única língua e com no máximo sete. Feita a escolha, clicar no botão [Ir para a etapa seguinte >>>>].

### 4.2.2 Segunda etapa

O objetivo da segunda etapa é estabelecer os parâmetros da base que determinam tanto sua estrutura como

as possíveis estruturas na edição. Essa manipulação ocorre da seguinte forma:

**Parâmetros da base lexical**

Escolhe os campos que devem fazer parte da sua base lexical. Os campos 'Entrada' e 'Conceito' são obrigatórios. A edição posterior não precisa ser feita com todos os campos aqui escolhidos.

Entrada (obrigatório)  Marcas de uso  Hiperônimo de...

Conceito (obrigatório se projeto multilíngue)  Definição  Hipônimo de...

Categoria gramatical  Contexto  Remissivas

Área/Domínio  Nota técnica  Fonte

Estatuto do termo  Observação

Campos de texto

Ir para a etapa seguinte >>>>

Como na etapa anterior, foram escolhidas duas línguas, as opções 'Conceito' e 'Entrada' já estão selecionadas. A maioria das opções disponibilizadas nesta segunda etapa corresponde a campos que podem compor os verbetes do repertório a ser elaborado. Seguem agora todas as opções, que podem ser validadas com um clique do botão esquerdo do mouse, uma depois da outra.

#### 4.2.2.1 Entrada

Campo obrigatório. A entrada corresponde à unidade lexical ou terminológica que encabeça um verbete do repertório; portanto, ela corresponda à palavra consultada numa obra lexicográfica. O conjunto de entradas forma a nomenclatura de um determinado repertório.

#### 4.2.2.2 Conceito

Obrigatório em projetos bi- ou plurilíngue. A priori, o conceito não aparece nos verbetes. O conceito, ou melhor, o

identificador de conceito, serve para vincular uma unidade lexical a seus equivalentes em outras línguas.

**Exemplo:** Num projeto referente à mecânica, podem ser tratadas as línguas portuguesa, francesa e inglesa. As fichas terminológicas se elaboram isoladamente para cada língua. Assim, a base em português pode conter o termo 'tampa da cabeça do motor', a base em francês o termo 'couvercle de culasse' e a base em inglês o termo 'cylinder head cover'. Por meio da associação a cada termo (o português, o francês e o inglês) do identificador de conceito correto (*TampaDaCabeça*, por exemplo), o RePLET poderá vincular os três termos considerados então como equivalentes.

#### 4.2.2.3 Categoria gramatical

Campo facultativo. Na fase de criação de um projeto, o usuário deve apenas optar pela presença ou não desse campo na base. Entretanto, o fato de selecionar o campo 'categoria gramatical' não implica que este estará obrigatoriamente presente numa futura edição. Embora o RePLET proponha de antemão um certo número de códigos gramaticais, o usuário pode acrescentar seus próprios códigos, para cada língua, durante a digitação dos termos.

#### 4.2.2.4 Área / Domínio

Campo facultativo. O campo 'área / domínio' corresponde à marca de uso que indica que uma unidade lexical pertence à medicina ou à biologia, por exemplo. Como no caso dos códigos gramaticais, o usuário pode criar novos códigos, uma vez a base criada.

Ao invés de empregar uma grande variedade de códigos de área, sugere-se que o usuário crie dois projetos, um para os termos de medicina e outro para os termos de biologia. Uma subdivisão de área pode ser judiciosa. Assim, um projeto referente à medicina nuclear dispensaria a criação e o uso de uma marca MED. NUC., por exemplo.

#### 4.2.2.5 Estatuto do termo

Campo facultativo. Indicar o estatuto de um termo pode ser útil em áreas do saber cujas terminologias foram consagradas por comissões ou pelo ensino formal, por exemplo. O RePLET propõe três possibilidades: *normativo*, *sinônimo* e *variante*. Uma unidade terminológica tem o estatuto 'normativo' quando é recomendado por instâncias oficiais ou de peso para a área em questão. Fala-se de termo 'sinônimo' quando este se refere a um mesmo conceito e quando é impossível, ou quase, estabelecer uma diferença de uso entre os termos sinônimos. Já um termo qualificado de 'variante' não deve ser empregado num contexto normativo.

**Exemplo:** Os manuais de mecânica empregam o termo normativo *anel de descarga*, ao passo que os mecânicos utilizam a variante *biscoito*.

Se, na criação do projeto, o campo 'Estatuto do termo' foi selecionado e se, na validação de uma ficha terminológica, o estatuto não foi informado, o RePLET atribui automaticamente o valor *normativo*.

#### 4.2.2.6 Marcas de uso

Campo facultativo. O RePLET fornece de antemão algumas marcas, como *fam.* para 'familiar' ou *joc.* para jocoso.

Novas marcas de uso podem ser criadas, após a criação do projeto.

#### 4.2.2.7 Quatro campos de texto (Definição, Contexto, Nota técnica, Observação)

Campos facultativos. Os campos de texto admitem o uso dos caracteres alfanuméricos usuais, assim como os sinais de pontuação. A versão atual do aplicativo também facultava a divisão dos campos de texto em parágrafos. Além disso, o usuário pode usar o recurso 'copiar/colar', selecionando um trecho do texto com outro programa, copiando-o com as teclas Ctrl + c, colocando o ponto de inserção no campo desejado, e colando o texto selecionado com as teclas Ctrl + v.

#### 4.2.2.8 Hiperônimo de

Campo facultativo. Ao optar por esse campo, o usuário pode, quando digitar os termos e verbetes da base, informar o hiperônimo de um termo, à condição que o hiperônimo já faça parte da nomenclatura, pois um termo precisa ser validado para compor a lista dos possíveis hiperônimos. Um termo pode ter apenas um hiperônimo. (Para mais informações a respeito de hiperônimo cf. o item *Hiperonímia, hiponímia e co-hiponímia*)

#### 4.2.2.9 Hipônimo de

Campo facultativo. Ao optar por esse campo, o usuário pode, quando digitar os termos e verbetes da base, informar o hipônimo de um termo, à condição que o hipônimo já faça parte da nomenclatura, pois um termo precisa ser vali-

dado para compor a lista dos possíveis hipônimos. Um termo pode ter apenas um hipônimo. (Para mais informações a respeito de hipônimo cf. o item *Hiperonímia, hiponímia e co-hiponímia*)

#### 4.2.2.10 Remissivas

Campo facultativo. Entende-se por remissivas unidades lexicais ou termos que podem ter certa relevância com relação ao termo da entrada. Assim, no verbete *pistão* pode ser pertinente apresentar remissivas, como *biela*, por exemplo. Como no caso de hiperônimos e hipônimos, para se tornar uma remissiva, um termo deve fazer parte da nomenclatura.

#### 4.2.2.11 Fonte

Campo facultativo. A fonte não corresponde a um campo específico. Ao validar a opção 'fonte', o usuário pode acrescentar uma referência bibliográfica, por meio da caixa de listagem, à definição, ao contexto, à nota técnica ou à observação. Essas referências são criadas durante a constituição da base de termos.

\* \*  
\*  
\*

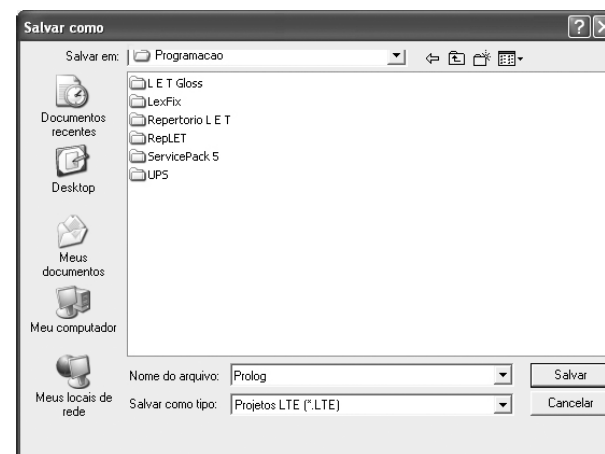
Depois de selecionados os campos e as opções em função do trabalho a ser efetuado, inicia-se a terceira e última etapa clicando no botão [Ir para a etapa seguinte >>>>]

#### 4.2.3 Terceira etapa

Na terceira etapa, o usuário deve começar informando uma senha de seis caracteres alfanuméricos para proteger seu projeto: <100dpi>

Sua base lexical vai ser protegida com uma senha de 6 caracteres alfanuméricos. Informe sua senha:

Uma vez digitados os seis caracteres, o botão [Validar] aparece. Ao clicar em [Validar] o usuário passa à fase seguinte de confirmação da senha. Depois, é preciso clicar novamente em [Validar] para alcançar a próxima etapa: nomear o projeto e gravá-lo, tal como a criação de um documento Word, por exemplo:



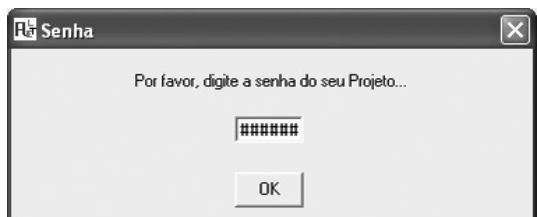
Na janela acima, depois de nomear o projeto (*Prolog*), clicar em [Salvar] para gravar o projeto na pasta 'Programação'. Segundo a configuração do computador, o projeto *Prolog* aparecerá no Windows Explorer com a extensão *LTE: Prolog.LTE*. Concluída a criação do projeto, aparece um aviso

dizendo que a base foi criada com sucesso. Fechar esse aviso clicando em [OK]. A sessão do Replet é encerrada. Para alimentar a base criada, abrir o Replet e escolher o menu *Abrir um Projeto*

### 4.3 Menu 'Abrir um Projeto'

O trabalho lexicográfico ou terminográfico propriamente dito é executado neste menu. Para digitar novas entradas, elaborar novas fichas, modificar ou excluir fichas é preciso abrir um projeto existente. De acordo com as escolhas na criação do projeto, a apresentação da interface do usuário pode divergir da que segue. Optamos por ilustrar o funcionamento do Replet com um projeto que abre a possibilidade de digitar termos em sete línguas e com todos os campos selecionados.

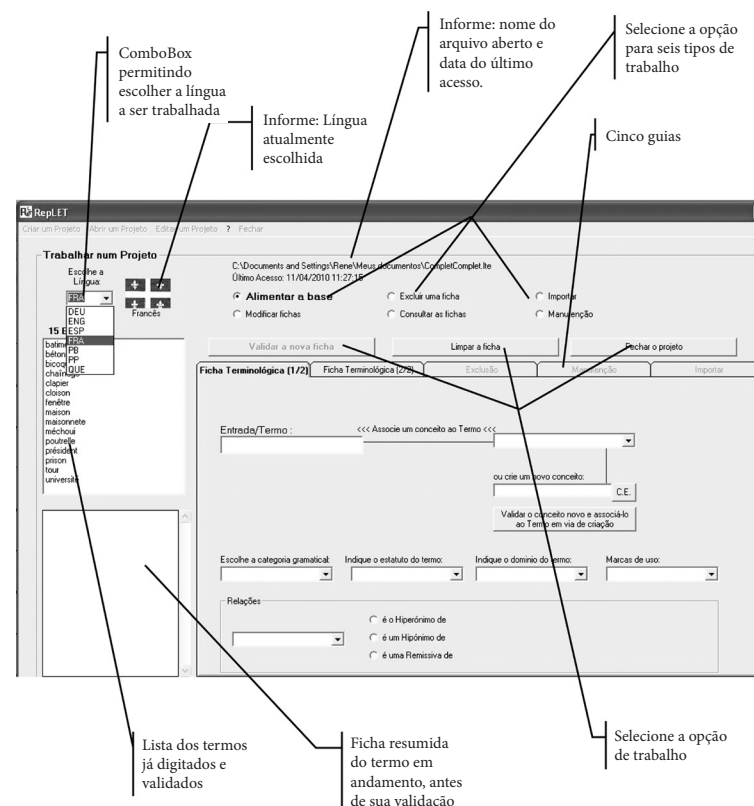
Ao clicar no menu 'Abrir um Projeto', a tradicional janela do Windows 'abrir um arquivo' aparece. Como para abrir um documento Word, ir para a pasta na qual o projeto está armazenado, selecionar o arquivo e clicar no botão [Abrir]. O Replet pede agora a senha criada pelo usuário no momento da criação da base.



Caso a senha esteja errada, a caixa de diálogo 'Senha' se encerra e o programa volta para a tela principal. Se a senha estiver correta, a tela de trabalho do projeto se abre. Essa tela permite ilustrar o funcionamento geral do programa.

### 4.3.1 Apresentação geral

A tela principal reúne as diferentes ferramentas de trabalho ('Alimentar a base', 'Excluir uma ficha', etc.) e apresenta cinco guias para executar o tipo de trabalho escolhido (Ficha Terminológica (1/2), Supressão, etc.). A ilustração abaixo mostra os diversos elementos presentes na tela.



**Observação 1:** Para iniciar um trabalho, alimentá-lo, modificá-lo ou ainda excluir algum item, entre outras tarefas, é necessário escolher a língua a ser trabalhada, ainda que, no momento da criação do projeto, uma única língua tenha

sido selecionada. Se essa escolha não for efetivada, nenhum campo ou nenhuma opção de trabalho estará acessível.

**Observação 2:** Para sair do RepLET, clique em [Fechar o projeto] e em seguida, no menu geral, em 'Fechar'. Durante o trabalho, a cada validação ou modificação de uma nova ficha, o programa salva automaticamente a base. Ou seja, se o usuário sair do RepLET sem salvar seu trabalho, perderá, no máximo, uma ficha ou uma modificação.

As opções de trabalho disponíveis são:

- Alimentar a base
- Modificar fichas
- Excluir uma ficha
- Consultar as fichas
- Manutenção
- Importar

São essas opções que condicionam a acessibilidade das guias e dos elementos; as opções de validação podem portanto variar:

[Validar a nova ficha] ou [Validar a modificação] ou [Validar a supressão da ficha] de acordo com a tarefa selecionada (Alimentar a base, Modificar fichas ou Excluir uma ficha).

A opção [Limpar a ficha] apaga o conteúdo das fichas terminológicas tanto na fase de criação como de modificação, sem salvar nenhuma alteração na base. Em Excluir uma ficha, clicar em [Limpar a ficha] não provoca nenhuma exclusão; a exclusão só pode ser efetivada clicando em [Validar a exclusão da ficha].

Segue abaixo a descrição de cada opção sucessivamente.

### 4.3.2 Alimentar a base

Antes de alimentar uma base com novas unidades lexicais ou terminológicas, é preciso escolher a língua de trabalho:



Uma vez a língua escolhida, o RepLET indica ao lado direito do repertório das línguas a língua selecionada, acompanhada da bandeira do país onde a língua em questão é falada (no caso em que uma língua/código é criado pelo usuário, aparece a bandeira da ONU). Caso o usuário queira alimentar uma base plurilíngue, é recomendado que separe o trabalho por línguas: alimentar a língua A e em seguida a língua B, ainda que o programa permita passar de uma língua para outra em qualquer etapa do trabalho. Ao abrir um projeto, a opção 'Alimentar a base' está selecionada de antemão. Para ativar outra opção, o usuário deverá selecioná-la:

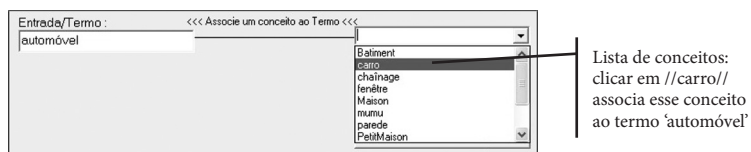


As duas guias, Ficha terminológica (1/2) e Ficha terminológica (2/2), tornam-se então acessíveis.

### 4.3.2.1 Entrada e conceito

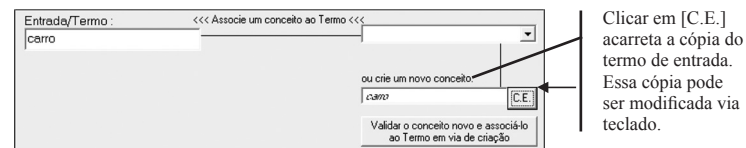
A guia 'Ficha Terminológica (1/2)' deve estar ativada. Em um trabalho plurilíngue, entrada e conceito estão estreitamente vinculados, não sendo possível validar uma entrada sem indicar o conceito correspondente (o que pode ser feito no projeto monolíngue). Portanto, antes de começar a digitação das fichas, convém adotar uma estratégia relativa aos conceitos (ou identificadores de conceito). A solução mais simples é identificar os termos partindo das entradas da língua que tem a maior nomenclatura. Dessa maneira, pode-se considerar as entradas como conceitos, procedimento que exige um bom conhecimento da área tratada. Assim, se a nomenclatura em português predomina, é possível associar ao termo 'carro' o conceito //carro//. Recomendamos ao usuário ficar atento em não criar conceitos abusivos. Por exemplo, tendo criado o conceito //carro//, seria errado criar um novo conceito para o português 'automóvel' ou para o francês 'voiture', termos que podem ser associados ao conceito existente //carro//.

Há duas maneiras de associar um conceito a um termo. Se o conceito já existe no projeto, basta abrir a lista de conceitos existentes e clicar no conceito adequado, //carro// no exemplo abaixo.



A segunda maneira de criar um conceito é duplicar a entrada ou digitar um identificador de conceito específico. Para efetivar a criação do conceito, basta clicar em [Validar

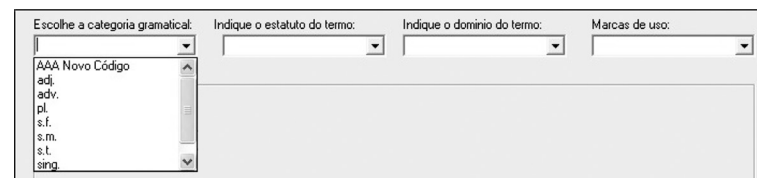
o conceito novo e associá-lo...]. A associação ao termo do campo 'Entrada/Termo' é efetivada apenas quando a ficha terminológica é validada.



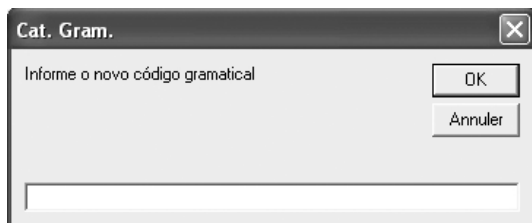
Vale ressaltar que é também possível, dessa forma, criar conceitos sem associá-los a entradas. O campo de texto referente a "ou crie um novo conceito" pode ser preenchido e apagado varias vezes pelo usuário usando o teclado e o mouse. A cada clique em [Validar o conceito novo e associá-lo...], o conceito digitado é inserido na lista dos conceitos previamente constituída. A associação entrada-conceito só se efetiva no momento da validação de uma ficha terminológica, ao clicar em [Validar a nova ficha].

### 4.3.2.2 Informar categoria gramatical, estatuto, domínio e nível de uso do termo

Se na criação de um projeto forem selecionados os campos 'Categoria gramatical', 'Área/Domínio', 'Estatuto do termo' e 'Marca de uso', esses campos poderão ser preenchidos na guia 'Ficha Terminológica (1/2)' clicando na opção escolhida da lista adequada.



A imagem acima mostra que é possível escolher um código gramatical para um termo francês. O RepLET propõe de antemão, para cada língua, categorias gramaticais de áreas ou domínios e de marcas de uso. O usuário pode acrescentar novos códigos ao clicar em “AAA Novo Código”. Aparece então uma janela solicitando o novo código:

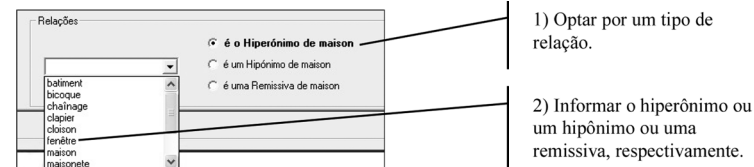


Essa operação deve ser executada para cada língua (espanhol, francês, etc.) e para cada campo, com exceção do ‘estatuto do termo’. Nesse campo, o usuário poderá optar, para cada língua, apenas por um dos três estatutos contemplados pelo aplicativo: ‘normativo’, ‘sinônimo’ e ‘variante’. Atribuir ao termo o estatuto ‘normativo’ consiste em considerá-lo de uso oficial, ou seja, o termo que os profissionais da área preferem empregar, ao menos em contextos formais. O termo ‘sinônimo’ é aquele que entra em concorrência com outro sem que haja preferência de uso entre os dois termos. Já o termo taxado como ‘variante’ é aquele que nunca é usado pelos especialistas em contextos formais.

#### 4.3.2.3 Informar relações hierárquicas e outras

Um termo pode travar uma relação hierárquica com outro. Para apreender a terminologia de uma determinada área, é importante conhecer essas relações. O usuário do

RepLET pode informar, na guia ‘Ficha Terminológica (1/2)’, um hiperônimo, vários hipônimos e remissivas para cada termo.



A lista dos termos na qual são selecionados os hiperônimos, os hipônimos ou as remissivas é alimentada à medida em que o trabalho de digitação avança. De fato, ao validar uma ficha, sua entrada se insere automaticamente nessa lista. Termos relacionados podem eventualmente ser inseridos numa etapa posterior.

Na lista dos termos, o usuário também pode anular sua escolha clicando em asterisco [\*]. Por exemplo, se a informação referente ao hipônimo ou à remissiva for erroneamente preenchida, o usuário pode clicar no asterisco e, em seguida, no hipônimo ou na remissiva certos. No caso do hiperônimo, o aplicativo insere sempre o último termo selecionado; já para as remissivas e os hipônimos, clicar em mais de um termo acarreta cada vez um acréscimo, ou seja, é possível associar a um termo vários hipônimos ou remissivas.

#### 4.3.2.4 Informar a Definição, o Contexto, uma Nota técnica ou Observações

Ao passar à guia ‘Ficha Terminológica (2/2) o usuário do RepLET tem acesso a quatro campos de texto que podem ser preenchidos de maneira habitual, digitando o texto

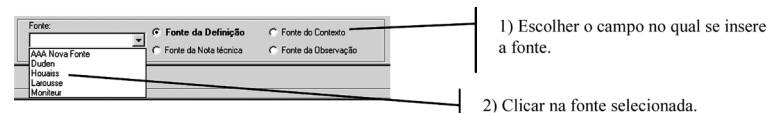
adequado no campo adequado, ou recorrendo à ferramenta ‘copiar/colar’, no caso de uma definição extraída da Internet, por exemplo.

The screenshot shows a window titled 'Ficha Terminológica (2/2)'. It has four main sections:

- Definição:** DEFINITION. Leur emblématique aversion pour les chiffres serait même un atout car elle "brise la logique comptable"; "Les littéraires regardent l'horizon plus que le bas du bilan", explique-t-il. Ces qualités propres aux humanités, certaines entreprises semblent en avoir mesuré l'intérêt. (Larousse)
- Contexto(s):** CONTEXTE "Les littéraires ne sont pas des rêveurs", a rétorqué Geno Marine, titulaire d'un master de philosophie et aujourd'hui cadre financier. Dans l'esprit des chefs d'entreprise, les filières de sciences humaines et sociales (SHS) s'apparentent souvent à de véritables "usines à chômeurs", de l'aveu même de Marie-Christine Lemardeley, présidente de l'université Sorbonne-Nouvelle (Paris-III) : de leur côté, nombreux sont les étudiants qui se refusent à travailler pour ceux qu'ils tiennent pour des héros du capitalisme.
- Nota técnica:** NOTE TEC. "Les littéraires ne sont pas des rêveurs", a rétorqué Geno Marine, titulaire d'un master de philosophie et aujourd'hui cadre financier. Dans l'esprit des chefs d'entreprise, les filières de sciences humaines et sociales (SHS) s'apparentent souvent à de véritables "usines à chômeurs", de l'aveu même de Marie-Christine Lemardeley, présidente de l'université Sorbonne-Nouvelle (Paris-III) : de leur côté, nombreux sont les étudiants qui se refusent à travailler pour ceux qu'ils tiennent pour des héros du capitalisme.
- Observações:** OBS. "Les littéraires ne sont pas des rêveurs", a rétorqué Geno Marine, titulaire d'un master de philosophie et aujourd'hui cadre financier. Dans l'esprit des chefs d'entreprise, les filières de sciences humaines et sociales (SHS) s'apparentent souvent à de véritables "usines à chômeurs", de l'aveu même de Marie-Christine Lemardeley, présidente de l'université Sorbonne-Nouvelle (Paris-III) : de leur côté, nombreux sont les étudiants qui se refusent à travailler pour ceux qu'ils tiennent pour des héros du capitalisme.

A escolha da denominação dos campos ('Definição', 'Observações', 'Contexto' ou 'Nota técnica') é arbitrária e não aparece no momento da edição, o que significa que o usuário deve garantir a coerência interna dos dados digitados. É possível dividir os campos em parágrafos. O verbete editado apresenta sucessivamente a 'Definição' (sem itálico), o 'Contexto'(em itálico), a 'Nota técnica' (sem itálico) e, por último, a 'Observação' (em itálico).

O recurso 'Fonte' facilita a utilização recorrente de determinadas referências bibliográficas. A lista das fontes é constituída pelo usuário. Ao clicar em "AAA Nova Fonte" aparece uma janela na qual o usuário irá digitar a nova fonte. Recomendamos que o usuário insira na lista apenas as referências recorrentes, como *Martins Pena; vol. 3, p.*, por exemplo.



1) Escolher o campo no qual se insere a fonte.

2) Clicar na fonte selecionada.

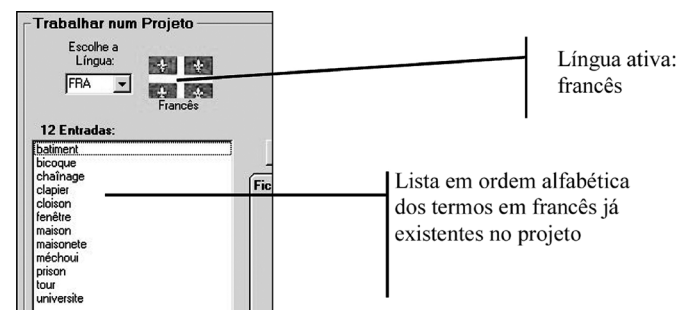
A fonte selecionada por um clique aparece entre parênteses no campo validado, a exemplo da janela acima em que a referência 'Martins Pena; vol. 3, p.' será inserida no campo 'Definição'. O usuário pode então digitar a página da obra citada: (*Martins Pena; vol. 3, p. 213*).

#### 4.3.2.5 Validar a nova ficha – Limpar a ficha

Acima das guias aparecem os botões de trabalho [Validar a nova ficha], [Limpar a ficha] e [Fechar o programa].



Para salvar uma ficha, o usuário deve clicar em [Validar a nova ficha] depois de preencher o campo 'entrada'. No caso de um projeto bi- ou plurilíngue, o usuário também deve informar o conceito, antes de salvar a ficha. O RepLET insere automaticamente o termo na lista de entradas em ordem alfabética:



Língua ativa: francês

Lista em ordem alfabética dos termos em francês já existentes no projeto

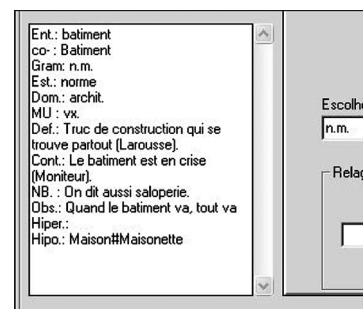
Durante a criação de novas fichas, a lista de entrada tem apenas um caráter informativo, não sendo possível modificar ou excluir uma ficha. Para tanto, depois de ter clicado em 'Modificar fichas' ou 'Excluir uma ficha' (cf. 4.3.2 Alimentar a base), o usuário deverá clicar no termo da lista para ter acesso à sua ficha.

Clicar em [Limpar a ficha] provoca a exclusão das informações que aparecem na ficha em construção. Nesse caso, se a opção 'Alimentar a base' estiver selecionada, o usuário perderá as informações se ele não criar uma nova ficha. Se uma das opções 'Modificar fichas' ou 'Excluir uma ficha' estiver selecionada, o programa apenas limpará a ficha em construção, sem salvar qualquer modificação ou exclusão.

Para encerrar uma sessão de trabalho, ou seja, para fechar o aplicativo RepLET, é preciso fechar o projeto em construção, clicando em [Fechar o projeto]. As informações que não forem salvas serão perdidas. Uma vez o projeto fechado, é possível abrir um outro projeto ou ainda encerrar o RepLET clicando no menu 'Fechar'.

#### 4.3.2.6 Ficha resumida do termo em andamento

Durante a digitação ou a modificação de novas fichas, o aplicativo indica o estado do termo em tratamento para facilitar o trabalho do usuário. Assim, uma ficha terminológica se divide em duas guias: o termo e uma abreviação que indica o nome do campo. Essas abreviações, que não fazem propriamente parte da ficha (e não aparecem na sua edição posterior), apenas facilitam a leitura da ficha.



#### Legenda:

Ent. = entrada  
co- = conceito  
Gram. = classificação gramatical  
Est. = estatuto do termo  
Dom. = Domínio/Área  
MU = marca de uso  
Def. = definição  
Cont. = contexto  
NB = Nota técnica  
Hiper = hiperônimo  
Hipo. = hipônimo

No exemplo acima, a ficha/entrada em construção é 'bâtiment', termo ao qual está associado o conceito 'Bâtiment'. Não há nenhum hiperônimo informado. Os dois hipônimos, 'Maison' e 'Maisonette', estão separados por #, elemento que não aparece na edição definitiva.

Tipo de lista solicitado

### 4.3.3 Modificar fichas



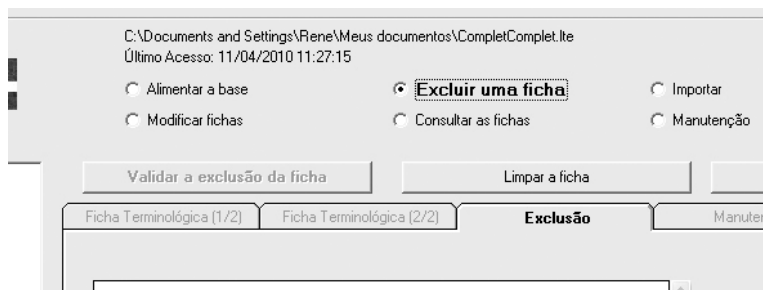
Para modificar ou completar uma ficha terminológica, é preciso clicar em 'Modificar fichas' (cf. o item *Apresentação geral*). O usuário prossegue então a realização da ficha nas mesmas duas guias que servem para alimentar a base, as guias 'Ficha Terminológica (1/2)' e 'Ficha Terminológica (2/2)'. Em *Modificar fichas*, a lista das entradas preexistentes pode ser acessada (o que não é o caso em *Alimentar a base*).

O usuário, ao clicar em um elemento da lista (em 'maisonette', por exemplo) acessa a ficha terminológica da entrada selecionada. Os dados da ficha resumida aparecem então abaixo da lista de entradas.

O usuário pode acessar os campos a serem modificados, seguindo a mesma lógica exposta em *Abrir a base*. Por exemplo, ele pode corrigir a ortografia de *'maisonette'* inserindo um 'n': *'maisonnette'*. Para salvar qualquer mudança na base, é preciso clicar em [Validar a modificação]. Se a grafia de um termo for alterada, o aplicativo restabelece automaticamente a classificação alfabética do termo na lista de entradas ao salvar as mudanças. Validadas as mudanças, a ficha resumida e todos os campos das duas guias 'Ficha Terminológica' aparecem em branco.

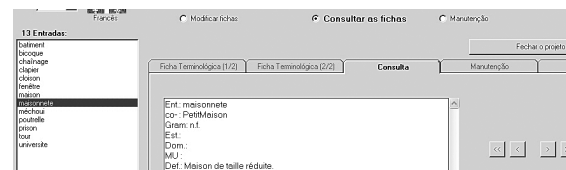
Se o usuário clicar em um novo termo na lista de entradas sem salvar a ficha precedente, a ficha terminológica do novo termo selecionado aparece. No caso de *'maisonnette'*, por exemplo, se o usuário clicar em *'poutrelle'*, sem antes clicar em [Validar a modificação], ele acessará os dados de *'poutrelle'*, sem ter salvado sua correção (*maisonnette* > *maisonnette*).

### 4.3.4 Excluir uma ficha



Para excluir uma ficha terminológica, é preciso clicar em *'Excluir uma ficha'*. O RepLET abre automaticamente a guia *'Exclusão'* que contém apenas um campo

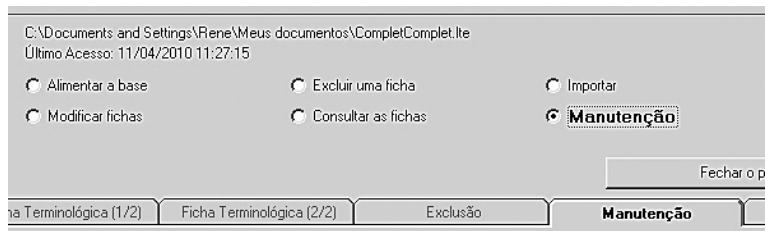
de texto. O usuário deve então selecionar na lista de entradas, à esquerda das guias, o termo cuja ficha deve ser excluída. A ficha completa do termo selecionado aparece no campo de texto da guia *'Exclusão'*. Se a ficha visualizada corresponder àquela que se deseja excluir, o usuário pode então clicar em [Validar a supressão da ficha]. Para evitar a supressão acidental de uma ficha, o RepLET abre automaticamente uma nova janela solicitando a confirmação da exclusão. Ao clicar em *'SIM'*, a ficha será irremediavelmente excluída da base lexical e desaparecerá da lista das entradas preexistentes. Ao clicar em *'NÃO'*, a janela de confirmação desaparece. O usuário pode sair da opção *'Excluir uma ficha'* sem afetar a base, ou selecionar, na lista das entradas preexistentes, um outro termo a ser excluído.



Ao clicar em *'Consultar as fichas'*, o usuário pode visualizar uma ficha específica, ou a sucessão de todas as fichas. Para consultar uma ficha específica, basta selecionar o termo na lista de entradas, a exemplo da ilustração em que o termo *'maisonnette'* e sua ficha aparecem no campo de texto da guia *'Consulta'*. Para visualizar a primeira ficha da lista, basta clicar em ['méchoui' no caso da ilustração); clicando em [<], ele visualiza a ficha anterior (*'maison'* que antecede *'maisonnette'*).

### 4.3.6 Manutenção

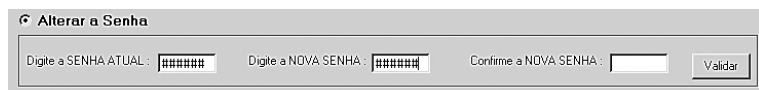
A guia 'Manutenção' oferece três utilitários: *Alterar a Senha, Listar e Excluir um Conceito*. Para acessar a guia, é preciso selecionar 'Manutenção':



Na guia 'Manutenção' o usuário pode então selecionar a opção desejada. Vale ressaltar que a opção 'Alterar a Senha' é automaticamente selecionada pelo aplicativo.

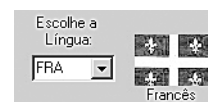
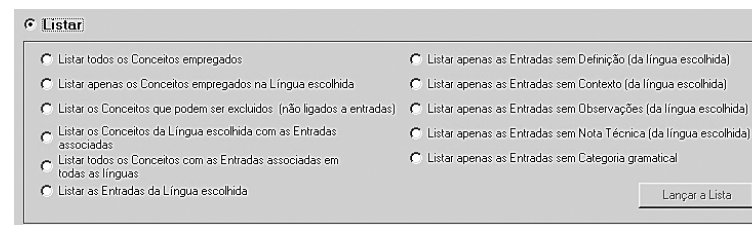
#### 4.3.6.1 Alterar a Senha

Esta opção permite alterar a senha que serve para abrir o projeto. A nova senha deve conter seis dígitos. Para validá-la, o usuário deve digitar a senha atual e duas vezes a nova senha e clicar em [Validar] ao lado do campo 'Confirme a nova senha'.

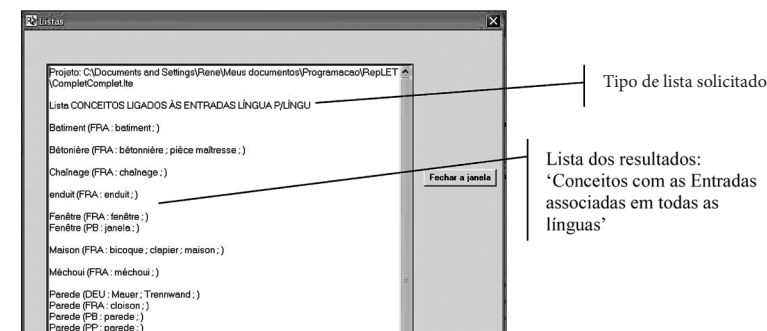


#### 4.3.6.2 Listar

A opção 'Listar' permite acessar informações úteis para o andamento do trabalho terminográfico, como a lista dos termos sem definição ou a lista dos conceitos com suas entradas correspondentes, em todas as línguas selecionadas.



Por exemplo, para acessar a lista das entradas sem definição, o usuário deve selecionar essa opção e clicar em [Lançar a Lista]. O RepLET irá editar apenas as entradas da língua selecionada no ComboBox. Ou seja, no caso de um projeto plurilíngue, o usuário deve repetir a manipulação para cada língua. Quando o usuário solicita a lista de conceitos (cf. ilustração acima), o aplicativo apresenta a mesma lista seja qual for o idioma selecionado, pois o conceito não está vinculado a uma determinada língua. A lista aparece em uma nova janela precedida das seguintes informações: nome do arquivo, número de resultados (cf. ilustração abaixo).



Vale ressaltar que, na ilustração, o conceito //Fenêtra// foi associado em francês ao termo 'fenêtre' e em português do Brasil ao termo 'janela'. No caso do conceito //Pareda//, há dois termos associados em alemão e apenas um nas ou-

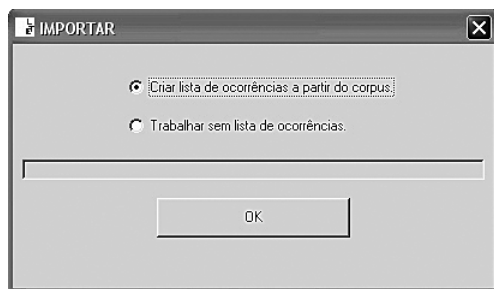


Caso seja impossível importar informações para um determinado campo, como 'Categorias Gramaticais', por exemplo, ao encerrar uma sessão de importação, é possível acrescentar os códigos gramaticais acessando 'Modificar fichas'. Solicitar uma lista das entradas sem código gramatical pode então auxiliar o usuário nessa tarefa.

#### 4.3.7.1 Abrir um corpus de importação

Vale lembrar que o corpus de importação deve estar em formato txt. Para tanto, basta converter um documento Word em txt: *Arquivo > Salvar como > Salvar como tipo > Texto sem Formatação*. É possível obter um corpus em formato txt extraído da Internet usando a ferramenta 'copiar/colar'.

Ao clicar em 'Importar', a caixa de diálogo que dá acesso à abertura de documentos aparece automaticamente. Nela, somente documentos txt podem ser selecionados. Se o usuário clicar em [Cancelar], aparece a opção 'Consultar as fichas'; se ele clicar em [Abrir], o corpus pode então ser visualizado na janela adequada do RepLET. Mas antes, o usuário deve validar uma das duas opções apresentadas na ilustração seguinte.



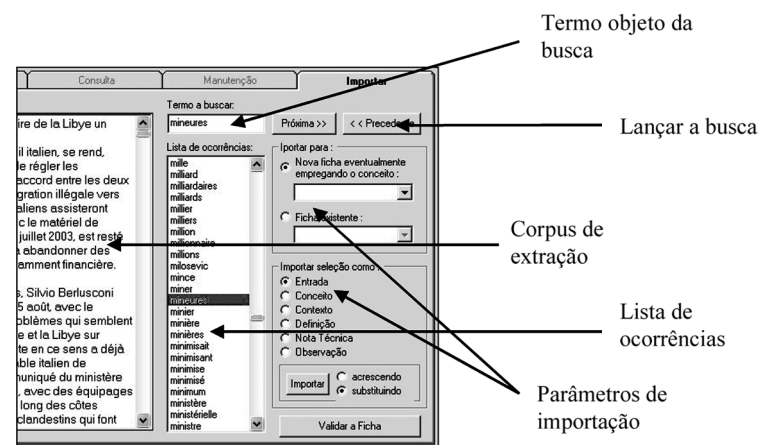
Se o usuário selecionar 'Criar lista de ocorrências a partir do corpus', o aplicativo elabora a lista de todas as pa-

lavras, ou melhor, de todas as formas gráficas de mais de quatro letras presentes no corpus. Em função do volume do corpus, essa operação pode levar alguns instantes.

Selecionando 'Trabalhar sem lista de ocorrências', o usuário acessa diretamente a opção 'Importar', na qual pode apenas selecionar suas ocorrências no corpus manualmente ou digitando as ocorrências na janela apropriada. Essa operação também pode ser executada na opção anterior.

Uma vez feita a escolha, o usuário pode iniciar o trabalho de importação.

#### 4.3.7.2 A guia Importar



A guia 'Importar' contém basicamente:

- Uma janela semelhante à de um processador de texto contendo o corpus de extração;
- A lista das ocorrências do corpus (se sua visualização for ativada). O termo selecionado na lista aparece automaticamente na caixa de texto.

- Uma caixa de texto onde aparece o termo objeto da busca, que pode ser digitado ou selecionado diretamente na lista de ocorrências.
- Comandos de busca. Depois que o termo foi selecionado e aparece na caixa de texto, basta clicar em [Próxima >>] para ativar a sua busca no corpus a partir do início do texto; se o usuário clicar em [<< Precedente] a busca parte então do fim do texto.
- Campos para determinar os parâmetros de importação e
- Comandos de importação e de validação da importação dos dados para uma ficha.

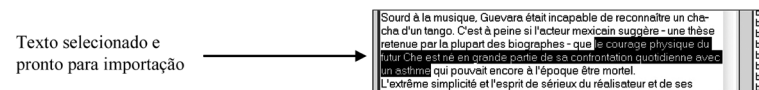
#### 4.3.7.3 Buscar ocorrências e selecionar um texto

Buscar ocorrências consiste em informar uma forma gráfica

e verificar sua existência no corpus. Depois que a forma gráfica selecionada na lista de ocorrências aparece no campo de texto 'termo objeto da busca', basta clicar em [Próximo>>] ou em [<<Precedente] para que o aplicativo inicie a busca. O resultado aparecerá em negrito (cf. *brûlures* na ilustração). Se houver mais de uma ocorrência, basta clicar em [Próximo>>] para visualizar a próxima ocorrência. O usuário também pode solicitar a busca de formas gráficas compostas: *brûlures* poderia, por exemplo, ser associado a *mineures*; o programa buscaria então *brûlures mineures*.

Convém aqui distinguir 'buscar' e 'selecionar': a busca apenas mostra, em um texto, onde uma ocorrência se encontra. Dependendo dos objetivos de seu trabalho, o

usuário pode se interessar pelo contexto de ocorrência do termo (como no caso de uma definição, por exemplo). Para selecionar um trecho no corpus, basta usar as ferramentas usuais dos processadores de texto (passar o mouse sobre o trecho com o botão esquerdo ou selecionar o trecho com o teclado. Cf. exemplo abaixo).



Na ilustração o trecho "le courage physique [...] avec un asthme" está selecionado e pronto para a importação.

#### 4.3.7.3.1 Parâmetros de importação

O RePLET permite importar texto a partir do corpus para criar uma nova ficha ou para completar uma ficha pre-existente.

Se o usuário optar por importar texto para uma ficha existente, não será possível importar ou modificar a entrada ou o conceito associados ao termo. Ao selecionar na lista a entrada da ficha que o usuário quer completar, o aplicativo apresenta os dados existentes na caixa de texto à esquerda da tela, tal como em 'Alimentar a base' ou 'Modificar fichas'. A lista de fichas existentes só pode ser acessada se a opção 'Ficha existente' for selecionada.

Se o usuário optar por criar uma nova ficha, ele pode importar um novo conceito; ele pode também associar à entrada da nova ficha um conceito já existente, abrindo a lista



de conceitos e clicando no conceito desejado. A lista de conceitos só pode ser acessada se o usuário optar pela criação de uma nova ficha. Nos campos 'Contexto', 'Definição', 'Nota Técnica' e 'Observação', é possível acrescentar ao texto anteriormente

editado na ficha o texto a ser importado ou substituí-lo por outro, validando, ao lado de [Importar], a opção desejada.

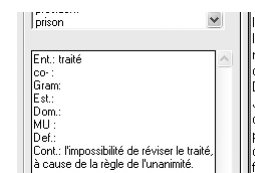
Como a opção 'Nova ficha' também permite importar conceitos, vale ressaltar que, tal como em 'Alimentar a base', o usuário, para importar um texto como conceito, deve criar anteriormente o conceito, que aparecerá então quando clicar em [Importar]. Ou seja, a opção 'Importar' permite criar conceitos sem vínculo com entradas; já o contrário (criar uma entrada sem conceito associado) não é possível em trabalhos bi- ou plurilíngue.

#### 4.3.7.4 Procedimentos de importação

À luz do que foi exposto anteriormente, seguem abaixo os procedimentos de importação de dados.

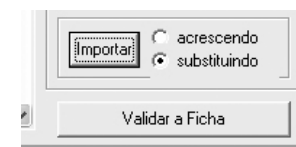
1. Constituir, fora do ambiente RepLET, um corpus em formato txt para cada língua tratada.
2. Clicar em 'Importar'
3. Abrir o corpus fonte.
4. Optar, eventualmente, pela elaboração da lista das formas gráficas presentes no corpus.

5. Familiarizar-se com o corpus e com a lista das formas gráficas.
6. Selecionar os parâmetros de importação (ficha existente v. nova ficha; importar como definição, observação, etc.).
7. Buscar o texto a ser importado e, eventualmente, adaptá-lo (colocando uma maiúscula no início da seleção, ou reformulando um trecho (singular/plural), por exemplo), de acordo com o objetivo do trabalho. Essas mudanças alteram a aparência do corpus na tela, mas não o corpus em si. Aliás, o corpus aparece na sua forma original, uma vez validada a importação.
8. Selecionar o texto a ser importado.
9. Clicar em 'Importar'. Essa operação apenas exhibe os dados na ficha de visualização, a exemplo da seguinte ilustração:



Vale ressaltar que, nesse etapa, a ficha ainda não pode ser validada, pois falta informar o Conceito.

10. Quando a ficha estiver completa, e em estado de integrar a base de termos, clicar em [Validar a Ficha].

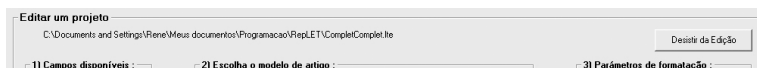


11. Para limpar a ficha de visualização, sem proceder a qualquer importação, basta alterar a opção selecionada em 'Importar para': clicar em 'Nova Ficha', se a opção 'Ficha Existente' for escolhida, por exemplo.

#### 4.4 Menu 'Editar um Projeto'

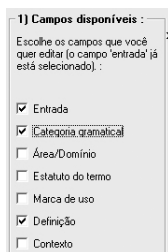
O menu *Editar um Projeto* não interfere na base lexical ou terminológica existente; ou seja, o usuário pode editar seu projeto a qualquer momento, sem alterar a base lexical ou terminológica existente. Em *Editar um Projeto*, as listas elaboradas podem ser formatadas, o que não é o caso nos menus *Abrir um Projeto* > *Manutenção* > *Listar*.

Como em *Abrir um Projeto*, a base só pode ser editada depois que o usuário informar a senha do projeto. Depois de informar a senha, o usuário deve seguir três passos para editar seu projeto:



i) selecionar os *Campos disponíveis*, ii) selecionar o *modelo de verbete* e iii) estabelecer os *Parâmetros de formatação*. Ele pode então *Lançar a edição*. As três etapas se apresentam sucessivamente.

##### 4.4.1 Campos disponíveis



A quantidade de campos disponíveis para a edição depende diretamente das escolhas feitas no momento da criação do projeto (cf. os itens de '*Criar um Projeto*'); ou seja, se o usuário criar sua base sem selecionar a opção 'Categoria gramatical', esse campo não estará acessível para a edição. O exemplo

acima ilustra o caso em que o usuário, dentre os campos 'Entrada', 'Categoria gramatical', 'Área/Domínio', 'Estatuto do termo', 'Marca de uso', 'Definição' e 'Contexto', selecionou apenas a 'Entrada' (o único campo obrigatório), a 'Categoria gramatical' e a 'Definição'. Depois de efetuar essa operação, o usuário pode passar à etapa da escolha do modelo de verbete.

##### 4.4.2 Escolher o modelo de verbete

O RepLET propõe dois modelos de verbete. O '**Modelo 1**' possui as seguintes características:

**entrada** *s.f.* Arquit. *sinônimo* fam.

A Definição é um dos campos de texto disponível. No modelo 1, como no Modelo 2, ela aparece em itálico.

O Contexto é outro campo de texto. Ele pode servir para mostrar como o termo 'entrada' se emprega no discurso. Para o contexto, o RepLET não emprega itálico.

A Nota Técnica é outro campo de texto. Certos termos podem exigir uma nota técnica. Por exemplo, termo usual de Firefox para 'guia' é 'aba'. A nota técnica aparece em itálico.

Observações podem ser úteis em áreas complexas. É igualmente um campo de texto. O usuário do RepLET pode determinar a característica de cada campo de texto. Definição, Contexto, Nota Técnica, são apenas rótulos.

Hipero.: passagem Hipó.: entrada de serviço; entrada de pessoas; entrada de carros Rem.: saída; janela DEU: Eingang ENG: entry FRA: entrée

- 1) Na mesma linha, os campos: entrada + Cat. Gram. + Área + Marca de uso alternando itálico/sem itálico.
- 2) Os campos de texto seguem a ordem 'Definição' > 'Contexto' > 'Nota técnica' > Observação. Esses campos também estabelecem a distinção entre uso ou não-uso (se itálico). Cada campo pode ser composto de mais de um parágrafo.
- 3) Na mesma linha, o hiperônimo, o hipônimo e as remissivas. Uma nova linha para os equivalentes.

O '**Modelo 2**' se distingue do 'Modelo 1' pela maneira de alinhar as informações que precedem a definição e as que seguem as observações:

**entrada**

*s.f.*  
Arquit.  
*sinônimo*  
fam.

A Definição é um dos campos de texto disponível. No modelo 1, como no Modelo 2, ela aparece em itálico.

O Contexto é outro campo de texto. Ele pode servir para mostrar como o termo 'entrada' se emprega no discurso. Para o contexto, o RepLET não emprega itálico.

A Nota Técnica é outro campo de texto. Certos termos podem exigir uma nota técnica. Por exemplo, termo usual de Firefox para 'guia' é 'aba'. A nota técnica aparece em itálico.

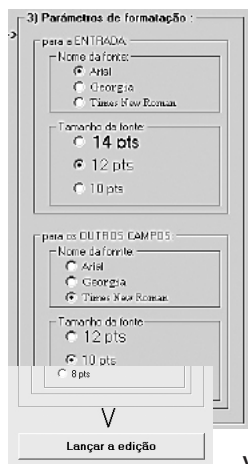
Observações podem ser úteis em áreas complexas. É igualmente um campo de texto. O usuário do RepLET pode determinar a característica de cada campo de texto. Definição, Contexto, Nota Técnica, são apenas rótulos.

Hipero.: passagem  
Hipó.: entrada de serviço; entrada de pessoas; entrada de carros  
Rem.: saída; janela  
DEU: Eingang  
ENG: entry  
FRA: entrée

- 1) Os campos seguem a seguinte ordem: entrada + Cat. Gram. + Área + Marca de uso, cada um em uma linha, alternando itálico/sem itálico.
- 2) Os campos de texto seguem a seguinte ordem: 'Definição' > 'Contexto' > 'Nota técnica' > Observação. Esses campos também estabelecem a distinção entre uso ou não-uso (se itálico). Cada campo pode ser composto de mais de um parágrafo.
- 3) A partir do hiperônimo, cada nova informação implica uma nova linha.

Vale ressaltar que, para ambos os modelos, a ordem de sucessão dos vários campos é a mesma, assim como o emprego dos itálicos. Nos campos 'Categoria gramatical' e 'Observações', por exemplo, sempre se emprega itálico. A sucessão dos equivalentes respeita a ordem alfabética dos rótulos das línguas, ENG antes de FRA, por exemplo. Depois de escolher o modelo, o usuário pode ainda estabelecer alguns parâmetros de formatação.

#### 4.4.3 Parâmetros de formatação

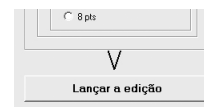


O usuário poderá estabelecer os parâmetros de formatação separadamente para a 'Entrada' e para todos os outros campos. Se o usuário não selecionar nenhum parâmetro, a entrada será automaticamente formatada em Arial 12 e os outros campos em Times New Roman 10. As fontes disponíveis para todos os campos são Arial, Georgia e Times New Roman. O tamanho da fonte pode variar entre 14, 12 ou 10 pontos para a entrada e entre 12, 10 ou 8 pontos para os outros campos.

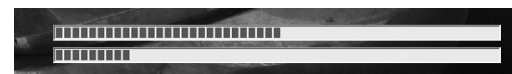
Os outros parâmetros de formatação já estão pré-definidos. Assim, a entrada é sempre em negrito e o uso do itálico alterna de campo para campo (cf. *Escolher o modelo de verbete*).

#### 4.4.4 Lançar a edição

Depois de ter escolhido os campos a serem editados, o modelo de verbete e os parâmetros de formatação, o usu-

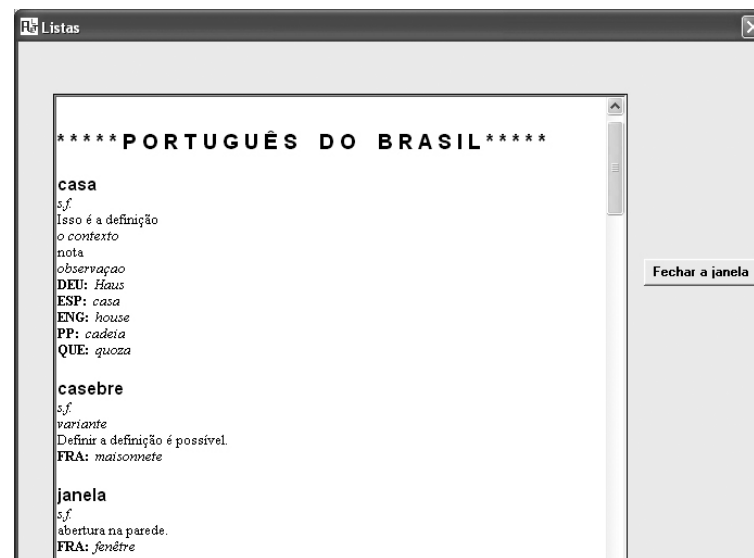


ário pode clicar em 'Lançar a edição'. De acordo com o volume da base existente e com as escolhas de edição, o processo pode levar alguns instantes.



Depois que o usuário lançar a

edição, o RepLET retorna para a tela principal, na qual barras de progressão indicam o andamento do trabalho. Quando a edição foi concluída, uma nova janela se abre na qual o usuário pode copiar uma parte ou a totalidade do repertório. A imagem abaixo ilustra o resultado da operação que varia obviamente em função das escolhas estabelecidas anteriormente pelo usuário.



O RepLET trata inicialmente a base elaborada em português do Brasil (PB), antes de editar as outras línguas por ordem alfabética (como para os equivalentes dentro de um

verbetes). Antes de apresentar a listagem dos verbetes de uma língua, o RepLET indica a língua dos verbetes (cf. '\*\*\*\*\* Português do Brasil \*\*\*\*\*' no exemplo acima).

Se o usuário não quiser salvar os resultados, basta clicar em [Fechar a janela]; o programa estará pronto para iniciar um outro trabalho, como 'criar um projeto' ou 'abrir um projeto'.

Para salvar os resultados em um documento Word, o usuário deve recorrer ao procedimento usual: copiar (selecionar o texto desejado e clicar em 'Ctrl + C') e colar em um documento aberto no Word usando 'Ctrl + V', por exemplo. A vantagem desse procedimento é que o usuário pode salvar o repertório inteiro em um único documento ou salvar separadamente os resultados para cada língua. Como os parágrafos do repertório seguem automaticamente a formatação 'Alinhar à esquerda', no Word, o usuário pode alterar o modo de apresentação e dividir o repertório em duas colunas (Formatar > Colunas > Duas).

## 5

### Proposta de metodologia

**P**ara realizar um trabalho lexicográfico ou terminográfico com êxito, é preciso obedecer a uma certa sistematicidade. Seguem nesse capítulo elementos que irão auxiliar o aluno na elaboração coerente de um repertório, tendo em vista um projeto individual; numa perspectiva profissional mais abrangente, vários dos aspectos apontados aqui deverão ser aprofundados.

#### 5.1 Definição e delimitação do trabalho

*Qual é o tema tratado?* Sem dúvida, o primeiro passo é delimitar o tema. Pode se tratar, por exemplo, do vocabulário de um escritor ou da terminologia de uma determinada área de conhecimento e/ou de atividade humana. No caso do vocabulário de um escritor, o tema é relativamente fechado. Já o levantamento terminológico impõe um amplo trabalho de pesquisa. Assim, por exemplo, na área da saúde, será que é adequado considerar a odontologia como uma subárea da medicina? E será que a terminologia da cirurgia é pertinente para a odontologia?

Na maioria das vezes, uma reflexão sociológica sobre a área tratada se revela útil e pode conduzir a uma pesqui-

sa mais ampla dos termos que circulam numa determinada área (socioterminologia). Dessa maneira é possível apreender a diversidade sociológica da área tratada. Por exemplo, em áreas em que os profissionais possuem um alto grau de formação institucionalizada (medicina, física nuclear), observa-se em geral uma terminologia mais normalizada do que em áreas nas quais atuam profissionais com pouca formação institucionalizada (construção civil). No entanto, o engenheiro civil tanto quanto o médico devem conhecer as terminologias populares, no intuito de dialogar com os operários e com os pacientes, respectivamente.

*Qual é o público-alvo?* É importante definir o público-alvo com relação a vários aspectos. Por exemplo, um trabalho terminológico realizado numa área que exige um alto grau de especialização e que se destina aos seus especialistas não poderá omitir termos raros; já o mesmo trabalho destinado a um público leigo poderá fazer a economia dos termos raros. A distinção entre público leigo e público especializado também é pertinente na elaboração de definições. De fato, não se pode exigir o mesmo nível de compreensão de um leigo e de um especialista. Da mesma forma, glossários ou léxicos podem interessar tradutores, ao passo que os vocabulários são mais adequados para os especialistas.

*Quantas entradas editar?* Para responder a essa pergunta é necessário definir alguns critérios para o projeto. Assim, o trabalho pode se restringir aos termos de uma área estritamente delimitada; a quantidade de entradas será então menor do que se o projeto incluir áreas afins. Considerações econômicas também podem impor limitações quanto ao volume do trabalho a ser publicado ou ao número de colaboradores a serem remunerados.

*Realizar um trabalho descritivo ou prescritivo?* Recomenda-se adotar uma abordagem descritiva, ainda que o produto final tenha valor prescritivo. Isso significa que, mesmo numa área altamente normativa (a nomenclatura médica, por exemplo), é preciso observar previamente o que realmente acontece na prática: será que há termos, por exemplo, que ocorrem apenas em alguns tipos de comunicação? Será que existe variação? Nessa perspectiva, os termos inventariados podem sofrer um julgamento normativo: para tanto, o RepLET prevê a atribuição dos rótulos 'normativo', 'sinônimo' e 'variante'. Vale ressaltar que o primeiro caracteriza as unidades consagradas pela comunicação formal (ensino, publicação científica...), o sinônimo é aquele cujo uso semântico-pragmático é semelhante ao do termo concorrente. A variante possui geralmente menor grau de formalidade (em um contexto de comunicação formal, a norma é mais adequada).

Tais delimitações iniciais implicam decisões por parte do terminógrafo que idealmente devem ser tomadas em colaboração com um especialista da área.

## 5.2 Preparação do trabalho

*O que existe na área a ser investigada?* Para responder a essa pergunta é preciso aprofundar o conhecimento relativo à área e ao campo nocional tratado. Para tanto, um amplo levantamento bibliográfico, de preferência em parceria com um especialista, torna-se indispensável, pois indica os trabalhos previamente realizados por outras equipes e as eventuais lacunas a serem preenchidas.

*Quem vai colaborar?* Não se pode exigir de um lexicólogo, de um terminólogo ou de um tradutor que ele pos-

sua conhecimento aprofundado da área que ele pretende investigar; da mesma forma, o especialista de uma determinada área não tem o conhecimento linguístico do terminólogo. Assim, é aconselhável que o tradutor ou linguista, para elaborar um repertório, tenha um interlocutor especialista da área tratada.

*Como constituir o corpus de extração?* Entendemos por ‘corpus de extração’ o conjunto de textos do qual os termos serão extraídos. A menos que o objetivo do projeto seja a realização de um levantamento histórico, as obras que compõem o corpus de extração devem ser atuais. De acordo com a área tratada, um texto pode permanecer de atualidade durante um período mais ou menos extenso (basta contrastar a evolução das terminologias da informática e da filosofia clássica, por exemplo). Nessa etapa, a intervenção de um informante da área é extremamente útil.

No caso de um trabalho terminológico multilíngue, surge outro problema. A princípio, deve-se constituir um corpus de extração para cada língua do projeto. Em certas áreas é também possível constituir um corpus de atualidade a partir de textos traduzidos. Nesse caso, é preciso avaliar a bibliografia levantada com o auxílio de um especialista capaz de indicar se um corpus menos atual, mas que reflita o uso dos especialistas, é mais pertinente para o trabalho do que um corpus atual contendo uma terminologia contemporânea, que, no entanto, foi criada por tradutores e não por especialistas da área.

O público-alvo também deve ser levado em consideração. De fato, esse critério orientará a escolha dos textos em função do seu grau de cientificidade. Mencionamos aqui quatro tipos de discurso que, de acordo com Cuq e Gruca (2005: 369-370), podem apresentar distinções perti-

centes em função dos parâmetros estabelecidos anteriormente.

1. *O discurso científico especializado* é produzido por pesquisadores de uma determinada área e se destina a outros pesquisadores da mesma área. A vantagem desse tipo de discurso é que ele possui um alto grau de confiabilidade relativa à terminologia empregada. Em contrapartida, os termos/conceitos geralmente não são definidos, pois, a princípio, são dominados pelo leitor.
2. *O discurso de semi-vulgarização científica* é produzido por pesquisadores de uma determinada área e se destina a um público com formação universitária em outra área.
3. *O discurso de vulgarização científica* é geralmente produzido por jornalistas especializados e se destina a um público mais amplo, interessado em possuir uma certa cultura científica.
4. *O discurso científico-pedagógico* é produzido por professores-pesquisadores e se destina a futuros profissionais de uma determinada área. Nesse discurso, os termos/conceitos são definidos de acordo com a conceitualização compartilhada pelos especialistas; ou seja, o terminólogo pode encontrar, nesses textos, bastantes termos já associados a definições confiáveis.
5. A meio caminho entre o discurso científico especializado e o discurso científico-pedagógico encontra-se o *discurso tese*. Trata-se de teses de mestrado ou de doutorado elaboradas por estudantes

e destinadas aos membros de uma banca examinadora composta de especialistas do assunto.

6. *O discurso científico oficial* é aquele produzido por especialistas por solicitação de instâncias oficiais, por exemplo, um Relatório de Impacto Ambiental.

Tais considerações devem orientar a seleção bibliográfica tanto para consulta quanto para a elaboração do corpus de extração. A seguinte etapa refere-se à elaboração da terminologia.

### 5.3 Elaboração da terminologia

A fase da elaboração da terminologia corresponde propriamente ao trabalho de extração de termos. Para proceder a essa extração, é preciso portanto constituir um corpus de extração. O RepLET sugere duas modalidades distintas:

- Extração da terminologia a partir de documentos em suporte impresso: ler os textos do corpus e digitar os termos, definições etc. numa ficha nova ou existente do RepLET.
- Extração de documentos a partir de suporte eletrônico. Proceder à busca dos termos usando-se das ferramentas do RepLET disponíveis em 'Importar'.

Em um mesmo projeto, é possível alternar as duas modalidades. Em ambos os casos, é necessário, quanto aos procedimentos a serem adotados, ter uma certa idéia das ocorrências que serão encontradas.

*A ocorrência encontrada constitui um termo ou uma unidade lexical relativa à área tratada?* Na afirmativa, o ter-

mo deve ser inserido na base associado às informações previamente disponíveis no contexto textual. Caso contrário, o usuário pode passar para a próxima ocorrência. Entre a ocorrência que manifestamente constitui um termo e a que constitui um não-termo, existem casos intermediários mais incertos, em razão de seu caráter neológico ou da falta de conhecimento na área. Em ambos os casos recomenda-se consultar um especialista. Aliás, em um dos campos de texto da ficha terminológica é possível inserir as observações do especialista-interlocutor.

*Quais informações devem entrar na base lexicográfica ou terminográfica?* A resposta a essa pergunta é amplamente condicionada pelas decisões tomadas nas etapas anteriores. No entanto, vale lembrar que informações em excesso podem ser filtradas na edição final dos repertórios, ao passo que a falta de informação implica um acréscimo de trabalho. Na fase de extração, é pouco provável encontrar para cada termo um contexto interessante, ou seja, um contexto definatório, especialmente pertinente para uma base que trata as definições. Assim, recomenda-se que elementos de contextos (trechos), ainda que imperfeitos, sejam salvos no decorrer do trabalho, de maneira a garantir a contextualização das entradas. Nos campos de texto do RepLET, tanto na modalidade 'Alterar' como 'Importar', é possível acrescentar uma nova informação ao texto ou apenas salvar uma nova informação.

### 5.4 Editar versões do repertório

O menu 'Editar um Projeto' permite, a qualquer momento, editar a base com os elementos já presentes, o que possibilita um acompanhamento contínuo do trabalho.

Se, durante o trabalho, o terminógrafo observar a presença de casos litigiosos, ele pode editar um estado intermediário da base, antes de discutir e resolver questões pendentes com um especialista da área.

Vale lembrar que o trabalho do lexicógrafo vai além da extração, da edição final e da exportação da base para o processador de texto. De fato, um repertório de qualidade deve conter, além da base lexical ou terminológica, informações como:

- *Introdução.* É preciso descrever como a área tratada foi estruturada, definir as escolhas teóricas que orientaram a seleção dos termos, delimitar o público-alvo do repertório, etc. Essas explicações devem justificar a presença ou não de certos termos no repertório. Para muitas áreas é também pertinente indicar as normas que foram utilizadas e apresentar uma lista das abreviações empregadas.
- *Bibliografia.* Aparece geralmente no final da obra. O leitor deve saber quais obras serviram de base à elaboração do repertório; a ausência dessa informação pode comprometer a credibilidade da obra, sobretudo quando se dirige a profissionais.

Além da introdução e da bibliografia, um repertório tem sempre um título e um autor. Além disso, outras informações podem ser pertinentes, de acordo com a natureza de cada projeto. Por exemplo, um trabalho referente à terminologia do atletismo pode conter os endereços das associações desportivas da cidade ou do país em que o repertório foi elaborado.

\* \*  
\*

## 6

### Considerações finais

O presente manual foi elaborado com o objetivo de:

- expor os elementos de linguística (lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia) que embasam a elaboração de repertórios;
- explicar o funcionamento do RepLET e
- apresentar alguns pontos metodológicos para realizar um repertório.

Cada ponto abordado constitui uma disciplina de ensino universitário. Portanto, para todos eles, existe uma bibliografia rica e ampla. Incentivamos o leitor a ir além e iniciar uma leitura aprofundada referente a um dos aspectos aqui tratados.

Esperamos ter apresentado aqui uma síntese suficientemente clara e capaz de viabilizar a realização de um trabalho lexicográfico ou terminográfico coerente com os princípios da disciplina.

Solicitamos que os leitores e usuários do aplicativo encaminhem seus comentários, observações e eventuais sugestões a propósito do RepLET.

René G. Strehler  
UnB – IL – LET  
renestre@unb.br

# 7

## Indicações bibliográficas

**O**ptamos por apresentar aqui apenas obras pertinentes para os aspectos terminológicos e linguísticos, e não para os aspectos meramente informáticos. De fato, nosso público-alvo é preferencialmente constituído por linguístas, tradutores e profissionais que querem elaborar a terminologia de sua área.

AUBERT, Francis Henrik. Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe. In *Cadernos de Terminologia*, vol. 02. São Paulo: Humanitas Publicações – USP, 1996.

BARROS, Lidia Almeida. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BAVOUX Claudine (org.). *Le français des dictionnaires*. Bruxelles: Duculot, 2008.

BÉJOINT, Henri & Thoiron, Philippe (orgs.). *Les dictionnaires bilingues*. Bruxelles: Duculot, 1996.

BÉJOINT, Henri & Thoiron, Philippe (orgs.). *Le sens en terminologie*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon

BERBER Sardinha, Tony. *Lingüística de Corpus*. Barueri: Manóel, 2004.

- BERBER Sardinha, Tony (org.). *A língua portuguesa no computador*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.
- BERENHOLTZ, Henning, Nielsen, Sandro & Trap, Sven (orgs.). *Lexicography at a Crossroads. Dictionaries and Encyclopedias Today, Lexicographical Tools for Tomorrow*. Berne: Peter Lang, 2009.
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários*. São Paulo: EdUnesp, 2003.
- Bouillon, PIERRETTE (ORG.). *TRAITEMENT AUTOMATIQUE DES LANGUES naturelles*. Bruxelles: Duculot, 1998.
- CABRÉ, MariaTeresa. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Antártida, 1993.
- CUQ, Jean-Pierre & Gruca, Isabelle. *Cours de didactique du français langue étrangère*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2005.
- DEPECKER, Loïc. *Entre signe et concept. Éléments de terminologie générale*. Paris: Presse Sorbonne Nouvelle, 1999.
- GAUDIN, François & Guespin. Louis. *Initiation à la lexicologie. De la néologie aux dictionnaires*. Bruxelles : Duculot, 2000.
- GAUDIN, François. *Socioterminologie – une approche sociolinguistique de la terminologie*. Bruxelles : Duculot, 2003.
- GLESSGEN, Martin-D. & Thibault, André (orgs.). *La lexicographie différentielle du français*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2005.
- GRIES, Stefan Th. *Statistik für Sprachwissenschaftler*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2008.
- HARTMANN, R R K. *Teaching and Researching Lexicography*. London: Longman, 2001.
- Hausser, ROLAND. *GRUNDLAGEN DER COMPUTERLINGUISTIK*. Berlin: Springer, 2000.
- HERBST, Thomas & Klotz, Michael. *Lexikografie*. München: Schöningh, 2003.
- HOFFMANN, Ludger (Hrsg.). *Handbuch der deutschen Wortarten*. Berlin: de Gruyter, 2009.
- ISO 704 (1987): *Principes et méthodes de terminologie*. s.l, 16 p.; nova edição em andamento : ISO/TC37/SC1 / WG3 N 31 /ISO CD 704.2 *Terminology Work-Principles and Methods*, 20 de julho de 1996 (documento de trabalho); ISO/TC37/SC1/ISO DIS 704, N154E, N44E (*Terminology Work-Principles and Methods*), 1998 (documento de trabalho); ISO TC 37/SC1, *Projet de norme internationale ISO/CD 704-1*, « Travail terminologique-Partie 1: Principes et méthodes », Afnor, Paris-la-Défense, 1997; ISO/CD 704-1:1997 (F) *Travail terminologique-Partie 1 : Principes et méthodes*, Afnor, Paris-la-Défense, 1997; ISO/DIS 704 (*Terminology Work-Principles and Methods*) (1998); ISO/DIS 704 (*Terminology Work-Principles and Methods*) (1999).
- ISO 704 (2000): *TRAVAIL TERMINOLOGIQUE-PRINCIPE ET MÉTHODES*. (francês e inglês), 2ª edição, 41 p. 15 de novembro de 2000
- KRIEGER, Maria da Graça & Maria José Bocorni Finatto. *Introdução à Terminologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- LAVID, Julia. *Lenguaje y nuevas tecnologías*. Madrid: Cátedra, 2005.
- LEHMANN, Alise & Martin-Berthet, Françoise. *Introduction à la lexicologie*. Paris : Armand Colin, 2005 [2<sup>ème</sup> éd.].
- L'HOMME, Marie-Claude. *La terminologie: principes et techniques*. Montréal: Presses Universitaires de Montréal, 2004.
- MELL'ČUK, Igor, Clas, André, Polguère, Alain. *Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire*. Bruxelles : Duculot, 1995.
- MELLADO BLANCO (Hrsg.), Carmen. *Theorie und Praxis der idiomatischen Wörterbücher*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag: 2009.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945 [Col. Tel].
- NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: Análise e História do Século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes, 2006.
- PAVEL, Silvia & Nolet, Diane. *Manual de terminologia*. Hull, Canadá :Travaux publics et Services gouvernementaux Canada, 2002.
- POLGUÈRE, Alain. *Lexicologie et sémantique lexicale*. Montréal : Les Presses Universitaires de l'Université de Montréal, 2003.
- PRUVOST, Jean. La marque "Néol." dans le dictionnaire. In *Neologica Revue internationale de néologie*. No. 3, Paris: Classiques Garnier, 2009.
- RASTIER, François, Cavazza, Marc, Abeillé, Anne. *Sémantique pour l'analyse, de la linguistique à l'informatique*. Paris: Masson, 1994.
- RASTIER, François. *Sémantique et recherches cognitives*, Paris: Presses Universitaires de France, 1991.
- REY, Alain. *La terminologie : noms et notions*. Paris : Presses Universitaires de France, Col. 'que sais-je ?', 1979.
- SABAH, Gérard. *L'intelligence artificielle et le langage* (vol. 1 et 2). Paris: Hermes, 1990.
- SAGER, Juan C. *A Practical Course in Terminology Processing*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- Schlaefel, MICHAEL. LEXIKOLOGIE UND LEXIKOGRAPHIE. BERLIN: Erich Schmidt Verlag, 2009.
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários. Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- ZINGLÉ, Henri. *La modélisation des langues naturelles. Aspects théoriques et pratiques*. Nice: Publications de la Faculté des Lettres, Arts et Sciences, 1999.



---

*Manual do RepLET* foi composto em tipografia Minion Pro, corpo 12pt, impresso em papel Chamois 80g nas oficinas da THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA. Acabou-se de imprimir dezembro de 2010, ano em que se comemora o Cinquentenário de Brasília.